

PATRIARCADO ECUMÊNICO

ARQUIDIOCESE ORTODOXA GREGA
DE BUENOS AIRES E DE TODA A AMÉRICA DO SUL

**RITO FÚNEBRE NA ORTODOXIA
E A CRENÇA NA RESSURREIÇÃO**

Pe. Basílio Santos Lima

2012

Rio de Janeiro

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Robson Medeiros Alves, pela orientação dedicada e minuciosa;

À Maria dos Remédios Correa Lima, minha esposa, pelo incentivo infatigável e pelo afeto incondicional;

Ao Professor Doutor Diácono Henrique Cairus, pela ajuda;

Ao Prof. José Almy Gomes, O.P., pelo apoio imprescindível.

Originalmente Monografia apresentada à Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB/RJ) para obtenção do Certificado de Especialização em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
1.1. Apresentação.....	4
1.2. O rito e sua linguagem: generalidades e especificidades.....	6
2. O RITO FÚNEBRE ORTODOXO.....	17
2.1. Análise teológica do texto.....	17
2.2. Epitáfios e Thrênos (Lamentos) de Cristo e de Maria.....	29
3. CONCLUSÃO.....	35
4. BIBLIOGRAFIA.....	37
5. APÊNDICE: Texto integral do Ritual Fúnebre, com tradução.....	38

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

O objetivo dessa monografia é fazer uma apresentação sucinta do rito fúnebre ortodoxo, indicando seu lugar litúrgico e seu caráter ritual.

Para tanto, propusemo-nos a uma breve explanação do conceito de rito, para, em seguida explorar teologicamente esse rito específico, com algumas considerações sobre a doutrina ortodoxa do *post mortem* e, finalmente propor uma leitura de seu texto. O texto do rito fúnebre segundo a tradição bizantina encontra-se em apêndice a esta Monografia, e é precisamente esse rito que também é usado pela Igreja Melquita, em plena comunhão com Roma.

A tradição da Igreja Ortodoxa¹ ensina a celebrar a memória dos falecidos juntamente com a Divina Liturgia não só no dia da morte, mas também no terceiro, no nono e no quadragésimo dia após a morte. No aniversário de falecimento, também prestam-se homenagens e mais uma vez o rito fúnebre é entoado.

No terceiro dia, o rito tem como fundamento a Ressurreição de nosso Salvador, razão pela qual, algumas tradições ortodoxas o chamam de Rito Fúnebre Pascal (ou simplesmente “o Pascal do Falecido”). No nono dia, o rito tem seu respaldo na crença de que, então, juntar-se-á o falecido às nove fileiras dos Anjos. O rito do quadragésimo dia é importantíssimo para os costumes ortodoxos. Esse rito tem apoio bíblico no luto do Antigo Testamento, quando se guardava a lembrança da morte do profeta Moisés, mas foi renovado pela Nova Aliança, por causa da Ascensão de Nosso Senhor, que se deu também no quadragésimo dia. No aniversário anual da morte, comemora-se o nascimento para a vida eterna, e neste dia especial, sentimos com mais intensidade a perda de um ente querido.

Em todas essas ocasiões é repetido o rito fúnebre, que, aliás, possui dois formatos: o Rito de sepultamento (há a fórmula para dentro da casa, para dentro da Igreja, para o cemitério e diante do túmulo) e o Μνημόσυον (i.e., “memorial”) ou Τρισάγιον (como

¹ Muitos dados acerca da Igreja Ortodoxa poderiam ser aplicados às igrejas ditas cristãs orientais (várias delas em plena comunhão com Roma). No entanto, evitamos até onde foi possível o referirmo-nos a essas igrejas como “orientais”, porquanto isso nos levaria à análise do orientalismo. Procuramos, nesse setor, seguir, também até onde foi possível, a definição de Edward Said ([1978]2007), que ensina que o oriente é formado pela terrificante massa de alteridade por contraste com o ocidente que fala em nome de valores de liberdade, uma liberdade, diríamos, muitas vezes baseada em postulados éticos protestantes.

muitas vezes o povo o chama), que serve para as demais ocasiões, sempre rezado dentro da Igreja, como uma obrigação para com o falecido.

O nome ‘Trisságion’ ([hino] triplamente santo) é o mesmo dado à oração litúrgica Ἅγιος ὁ Θεός, Ἅγιος ἰσχυρός, Ἅγιος ἀθάνατος, ἐλέησον ἡμᾶς (Santo Deus, Santo poderoso, Santo imortal, tende piedade de nós²). No rito fúnebre, contudo, trata-se de uma oração longa que, na tradição grega, deve ser realizado diante dos κόλλυβα³, ou, na falta desse, diante de um pão.



Kόλλυβα
Figura 1

Kόλλυβα é uma espécie de paçoca de trigo sarraceno, amêndoas e várias castanhas, confeitado normalmente com uma cruz e as iniciais (quando não o nome todo) do falecido⁴. Sua fundamentação teológica é bíblica e remonta à seguinte passagem:

Se um grão de trigo não for jogado na terra e não morrer, ele continuará a ser apenas um grão. Mas, se morrer, dará muito trigo. Quem ama a sua vida não terá a vida verdadeira; mas quem não se apega à sua vida, neste mundo, ganhará para sempre a vida verdadeira. Quem quiser me servir siga-me; e, onde eu estiver, ali também estará esse meu servo. E o meu Pai honrará todos os que me servem (Jo.12,24).

Durante a cerimônia do *Mnimósynon* (μνημόσυνον), o kóllyva ou seu substituto é abençoado e incensado e sua presença durante toda a Liturgia que antecede o próprio *Mnimósynon* traz o falecido à lembrança de todos e garante, de certa forma, a

² Essa é a única oração em grego, além do *Kýrie, eléison/Christe, eléison*” da liturgia latina, proferida, contudo, apenas na Sexta-Feira Santa.

³ *Plurale tantum*

⁴ No caso de um grupo de falecidos (soldados, sacerdotes etc), não se colocam iniciais.

presença do próprio morto em mais uma celebração Eucarística. Portanto, é uma forma aproximar o falecido da realidade pascal, memorada e celebrada em cada Eucaristia.

Os κόλλυβα, sendo absolutamente granulados, trazem à memória também o importante dito bíblico: “Tu és pó e ao pó restornarás” (Gen.3,19). Essa assertiva vétero testamentária foi, de resto, tomada como prescritiva, e, assim, a Igreja Ortodoxa não aceita a cremação deliberada dos corpos. Mas, como veremos adiante, os ortodoxos evitam a cremação também por outra razão, qual seja a da interpretação do sepultamento como o curso natural (portanto, ditado por Deus) da corrupção da carne humana, um bem precioso que deve ser preservado até que Deus mesmo o consuma por meio das forças naturais das quais se serve.

A presente Monografia abordará de forma muito ligeira o complexo problema da definição do rito, para dar mais lugar às questões específicas do rito fúnebre na Igreja Ortodoxa, enfatizando suas peculiaridades em relação ao rito romano, mas sem propor qualquer estudo comparativo.

1.2. O rito e sua linguagem: generalidades e especificidades

Os ritos litúrgicos refletem a mentalidade própria da cultura onde se desenvolveram. Assim, é natural que os ritos das Igrejas Orientais demonstrem mais expressividade poética e caracteres explicitamente místicos. Seu esplendor pode soar exagerado a olhos ocidentais, mas, no fundo, não o é: apenas deriva do natural temperamento e estado anímico dos orientais. Seu ethos é mais místico, mais esplendoroso, mais simbólico, mais exuberante.

Rafael Vitola Brodbeck⁵

In nullum autem nomen religionis, seu verum, seu falsum, coagulari homines possunt, nisi aliquo signaculorum vel sacramentorum visibilium consortio colligentur: quorum sacramentorum vis inenarrabiliter valet plurimum, et ideo contempta sacrilegos facit. Impie quippe contemnitur, sine qua non potest perfici pietas. (Santo Agostinho, *Contra faustum*, XIX, 11)⁶

⁵ In: A formação histórica do rito romano e a “reforma da reforma”. Texto publicado no sítio eletrônico <http://www.salvemaliturgia.com/2009/08/formacao-historica-do-rito-romano-e.html> (acesso: 19h, 10/12/2009)

⁶ “Nenhuma denominação religiosa, verdadeira ou falsa, pode estabelecer-se sem que seja constituída com o concurso de pequenos signos ou de sacramentos visíveis. O poder desses sacramentos é inefavelmente grande, e, por isso, faz dos sacrílegos algo deplorável; é desprezada pelo ímpio, e, sem ela, a piedade não pode se realizar”.

Desenvolver um estudo sobre o Rito Fúnebre especificamente na Ortodoxia requer uma explanação, mesmo que sucinta, sobre o que é a Ortodoxia, como ethos, como povo, tradição e experiência, o que não é fácil. Além do mais não é o nosso propósito fazer um estudo histórico, ou um discurso apologético, e evitaremos ainda entrar com na delicada questão do juízo sobre o que não é a Ortodoxia.

É no Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, Documento do Concílio Vaticano II, que encontraremos a definição de Ortodoxia que nos servirá de ponto de partida:

Conhecer, venerar, conservar e fomentar o riquíssimo patrimônio litúrgico e espiritual dos orientais é da máxima importância para guardar fielmente a plenitude da tradição cristã e realizar a reconciliação dos cristãos orientais e ocidentais. (.....) Também no Oriente se encontram as riquezas daquelas tradições espirituais, que o monaquismo sobretudo expressou. Pois desde os gloriosos tempos dos santos Padres floresceu no Oriente aquela elevada espiritualidade monástica, que de lá se difundiu para o Ocidente e da qual a vida religiosa dos latinos se originou como de sua fonte, e em seguida, sem cessar, recebeu novo vigor. (...) Com relação às tradições teológicas autênticas dos orientais, devemos reconhecer que elas estão profundamente radicadas na Sagrada Escritura, são fomentadas e expressas pela vida litúrgica, são nutridas pela viva tradição apostólica e pelos escritos dos Padres orientais e dos autores espirituais, e promovem a reta ordenação da vida e até a contemplação perfeita da verdade cristã. (...) Do mesmo modo recomenda aos pastores e fiéis da Igreja católica as boas relações com aqueles que já não vivem no Oriente, mas longe da pátria, para que cresça a colaboração fraterna com eles no espírito da caridade, excluído todo o espírito de contenda e rivalidade. (...) Nesse culto litúrgico, os orientais proclamam com belíssimos hinos a grandeza de Maria sempre Virgem, a quem o Concílio Ecumênico de Éfeso solenemente proclamou Santíssima Mãe de Deus, para que se reconhecesse verdadeira e propriamente a Cristo como Filho de Deus e Filho do Homem segundo as Escrituras. Cantam hinos também a muitos santos, entre os quais os Padres da Igreja universal.(.....) Essas Igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos, e principalmente, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a Eucaristia.⁷

⁷ Concílio Vaticano II, *Unitatis redintegratio*, III,1

A definição de ortodoxia está, assim, cada vez menos associada às antigas e importantes querelas teológicas⁸, e mais ligada à feição do culto, com toda redundância teológica que isso implica, e o rito é parte identitária fundamental desse culto.

Esta riqueza de expressão cultural é vivenciada nas Liturgias orientais, em seus ritos muitas vezes milenares. As Igrejas cristãs de diferentes tradições litúrgicas e ligadas às sés apostólicas estão hoje espalhadas por todo o Planeta, e, no Brasil, têm presença significativa, sobretudo em São Paulo e na região Sul, mas estão presentes também nas principais capitais do Sudeste brasileiro e em alguns pontos do Centro-Oeste, para onde as levaram imigrantes que se mantiveram afeitos às suas origens religiosas.

Segundo Aldo Natele Terrin, antropólogo e professor de História das religiões da Universidade de Milão, o rito tem um papel fundamental na existência do indivíduo humano em sociedade, porque ele torna o mundo habitável, dando-lhe ordem, a partir de princípios regidos pelo senso religioso:

O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível (TERRIN: 2004:19)

Para Terrin, a experiência religiosa é um ato de ordenação da realidade em torno de um centro, de um eixo, para usar a expressão comum em Mircea Eliade. Essa morada axial não é outra coisa senão uma identidade⁹.

Nesse ponto, evocamos as línguas nas quais as palavras que denotam “casa” ou “morada” são as mesmas que significam “a aquilo que nos é próprio” ou “familiar” ou até “aquilo que nos situa no mundo”. É o caso, por exemplo, da língua grega, onde οἶκος tem precisamente esse sentido¹⁰.

A realização do rito, seu momento preciso de prática, em que um grupo o celebra, é o ritual. O ritual¹¹, portanto, é a celebração, a comemoração ou a anamnese de um

⁸ Há um delicado esforço para não corromper os esforços por parte dos patriarcados de Roma e de Constantinopla, que desejam a comunhão plena e que vêem, em seu próprio rebanho, uma resistência por vezes assaz vigorosa, cheia de ressentimentos oriundos de uma interpretação apressada e casualística dos fatos que marcaram a trajetória dos “dois pulmões” da Igreja.

⁹ No dizer de Eliade, um “axis mundi” (ELIADE, 1992, p.24)

¹⁰ Sentido que inspirou a formação dos termos com o radical eco- (ecologia, economia, ecossistema etc.).

¹¹ Desconsidera-se aqui a apropriação semântica dos termos “rito” e “ritual”, em contextos em que esses vocábulos são atualizados em forma de coloquialismos ou jargões, como o uso de “rito” nos estudos psiquiátricos, sobretudo ligados ao TOC.

rito que, por sua vez, celebra, comemora e faz a anamnese de um elemento cercado da aura do sagrado.

Moore e Myerhoff (1977: *passim*) compreendem o ritual como o fator ordenador do mundo que, de outra forma, seria caótico do ponto de vista do homem. Ou seja, o ritual dá ordem e inteligibilidade ao mundo. Por isso, não só as entidades religiosas, como também as civis (nas sociedades em que essas se distinguem) precisam de ritos e de rituais, ainda que os ritos e rituais civis se esvaziem de sentido diante de qualquer olhar mais perscrutador, quando não alicerçados religiosamente¹².

A repetição, como tão bem demonstram vários sociólogos e antropólogos pelo menos desde Dürkheim¹³, é característica do rito, mas não o define. Acrescentaríamos que ainda mais importante do que a repetição é a pretensa ancestralidade dessa repetição. Nesse ponto, a língua ritualística e os documentos litúrgicos cumprem papel fundamental. A legitimação pela ancestralidade é reconhecida inconscientemente pelo povo e conscientemente pela Igreja.

O caráter performático do rito nem sempre tem a profundidade que encontra na ritualística cristã das Igrejas Católica Romana e Ortodoxa. Por isso, há, nelas, dois tipos de ritos muito distintos: os ritos sacramentais (de núcleo não simbólico) e os ritos não sacramentais (de núcleo mais simbólico, ainda que não absolutamente simbólico). O rito fúnebre é não sacramental, e, assim, seu núcleo é mais simbólico, o que não diminui sua consistência e sua importância teológica, psicológica e social. Tudo isso altera o grau performativo do discurso como um todo¹⁴, alterando também sua eficácia discursiva.

Do ponto de vista psicológico e social é evidente que as cinco cerimônias fúnebres (sepultamento, três dias, nove dias, quarenta dias e um ano) correspondem também a momentos do luto, que, tal como trabalhado por Freud¹⁵, é a tradução que o racionalismo típico da virada dos séculos XIX-XX deu à aceitação da perda visto por uma ótica laicizante.

¹² É o que explica a presença de símbolos religiosos, como o crucifixo, por exemplo, nas salas de audiências, nos tribunais e em outros lugares que deveriam ser exclusivamente leigos. Nas universidades leigas, às vezes, a figura religiosa cristã é substituída por uma figura religiosa pagã, que, ainda assim, preenche, ainda que mal, o vazio do rito laico. Fica, pois, evidente, que consideramos a religião o único sustentáculo efetivo de valores, em que nos aproximamos de Max Weber.

¹³ Não se quer aqui reviver as teorias de Dürkheim, conquanto tenham sido elas muito importantes. O rito que nos serve de tema, aliás, pela proposta de Dürkheim seria tanto totem, quanto tabu quanto mimético, e mais: não seria sequer um rito, uma vez que é também símbolo. A referência a Dürkheim é extremamente pontual, acerca do caráter repetitivo do rito, que, aliás, foi abordado por todos os antropólogos a partir de então.

¹⁴ Por discurso estamos entendendo tudo que compõe a linguagem específica do rito em questão: as palavras, a entonação, o canto, os gestos, o tipo de música etc. Esse conjunto forma um todo discursivo e de algum poder persuasivo.

¹⁵ Duelo y Melancolia (FREUD, 1981 [1917], t.2, p. 2091).

A forma do rito é sempre muito importante, porque não encontra clara fronteira com seu conteúdo. Nesse ponto, o rito se parece com a boa arte, de fato.

No caso do rito em questão, a música, o gestual, os paramentos (que eventualmente podem ser especiais, na cor preta), os atos em si, bem como a presença dos κόλλυβα ou do próprio defunto fazem potencialmente um forte apelo emocional, sendo, portanto, importante ferramenta da *captatio benevolentiae*.

Finalmente, cabe-nos expor um problema muito complexo não exclusivo dos ritos ortodoxos: o uso da língua litúrgica em detrimento do vernáculo ou vice-versa.

Eis um problema que vem dividindo opiniões de patriarcas, inclusive de patriarcas ligados diretamente a Roma.

O uso da língua litúrgica não somente preserva as possibilidades dos cantos, compostos para serem nela cantados, como também ratifica e reitera a pretensão a atemporalidade inerente ao próprio rito. E, ainda mais do que isso, o uso da língua litúrgica (em nosso caso, o grego antigo, mais antigo, muitas vezes, do que o próprio grego neotestamentário) consolida uma identidade ou nacional¹⁶. Tudo apontaria para a continuidade do uso da língua litúrgica, aliás, das línguas litúrgicas ortodoxas (de rito bizantino), que são fundamentalmente três, a saber, o grego, o árabe clássico e o eslavônico¹⁷. Algumas igrejas ortodoxas usam línguas vernáculas, como a romena e a polonesa, mas sempre num registro erudito. Contudo, por razões que precisam ser ainda muito bem analisadas, mas que têm evidente fundo axiológico, há uma tendência a secundarização das línguas litúrgicas (exceto no caso do árabe clássico, que é uma língua que tem outras implicações) em detrimento das línguas vernáculas.

Por enquanto, é uma tendência somente anunciada muito timidamente (recentemente pelo Patriarca de Moscou de Todas as Rússias, Sua Beatitude D. Kyrillos), mas que preocupa aqueles que estudam a antropologia do rito.

Como sempre, os argumentos em prol do uso do vernáculo são ligados a inteligibilidade do rito, o que é completamente contraditório para com o pensamento da mística dita “oriental”.

Os ritos cristãos ditos orientais (isso inclui o rito maronita¹⁸) estão muito claramente situados numa escala em que a razão se esvazia por força da mística, e qualquer

¹⁶ É bem sabido que, no século XIX, os gregos construíram sua identidade nacional a partir de uma projeção da Grécia Antiga com um passado legitimador.

¹⁷ Portanto, duas línguas mortas (i.e., sem falantes nativos) e uma língua artificial de cunho erudito.

¹⁸ Lembremo-nos de que os maronitas proferem a epíclese em aramaico, mesmo sendo eles originalmente falantes de árabe.

esforço contrário soa um tanto gnóstico. Podemos traduzir assim essa proporção de razão em relação ao rito:

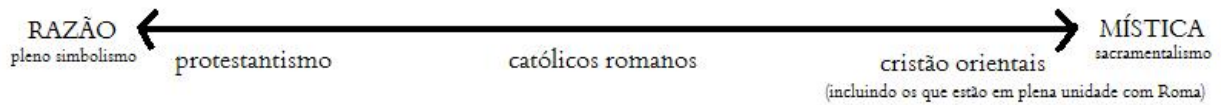


figura 2

Essa escala, ainda que altamente imprecisa (uma vez que não poderia ser precisa de forma alguma), pode justificar, entre outras coisas, a tríade sacramental do Batismo: o Batismo da criança é seguido imediatamente do Santo Crisma e da primeira recepção da Eucaristia, sem que haja qualquer preocupação com a compreensão de quem recebe os sacramentos. De certa forma, o mesmo se dá com a língua litúrgica, porém de uma forma mais sofisticada, porque implica vários fatores, como, por exemplo, a legitimação do dito e do dizente, a aura de mística e, como já dissemos, até mesmo questões de identidade étnica. A razão, na teologia ortodoxa, é uma via cheia de , que, para ser válida (pode ser válida), deve ser ratificada e endossada pela autoridade revestida da fé.

Estar a um extremo da linha que une e separa o misticismo da razão tem, por sua vez, alto preço, sendo um dos mais relevantes a inevitável confusão entre tradição e dogma. Isso tem gerado conflitos de várias ordens nos ritos ortodoxos de tradições diferentes, e até mesmo em ritos da mesma tradição.

Há, por exemplo, entre os ortodoxos, os que crêem que se persignar de forma errada (do ponto de vista de determinada tradição¹⁹) evoca o demônio ou denota uma atitude satanista. E, dessa forma, russos podem demonizar gregos (com mais frequência do que o contrário), assim como os gregos podem demonizar os árabes porque consideram sacrílego cortar o pão com a mão, e, o que é mais grave, sem o sinal da cruz feito antes com a faca. Tradições que, no imaginário de determinado grupo social (maior ou menor), ganharam dimensões dogmáticas e mesmo místicas. No entanto, dentre os vários costumes ortodoxos relacionados à vida religiosa, os que oscilam de grupo a grupo, de povo a povo, ainda são os menos numerosos e menos expressivos. Mas estão presentes no rito fúnebre, e, por essa razão, a presente monografia cuidará apenas do rito de tradição grega, seguido quase que completamente pelas Igrejas Ortodoxas sob o omofório²⁰ do Patriarca de Antioquia.

¹⁹De forma muito curta (como fazem muitas vezes o gregos) ou demasiadamente rápido, ou sem a devida prostração, quando for a hora para isso, etc.

²⁰ “Sob o omofório” é o termo que se usa nas igrejas orientais para dizer “sob a jurisdição de”. Omofório (ὀμοφόριον – que reveste o ombro) é um paramento exclusivo do bispo, equivalente, até certo ponto, ao pálio latino. Simboliza na matéria e no termo a responsabilidade e autoridade pastoral do prelado.

O apelo dos ritos ortodoxos são deliberadamente sinestésicos, mas não gritam, senão sussurram, evocando uma espiritualidade de introspecção e rejeitando claramente qualquer possibilidade de euforia expansiva. Não há sentido físico que não concorra para a presença no rito: primeiramente a visão (sentido mais ligeiro) convida à apreciação e à veneração dos Sagrados Ícones, que nos fitam sempre com os dois olhos. A Igreja Ortodoxa jamais se revela ao primeiro olhar. Ela se desvela lentamente: desde o impacto do enfrentamento da iconostase, até o momento da abertura das Grandes Portas, pela qual só passam os homens que receberam o sacramento da ordem. Mas a visão não para aí sua infinita viagem, ela tem diante de si um universo a descortinar. Nos ícones, cada cor é também um símbolo, e ainda há as abreviaturas, os pequenos sinais etc, tudo carregado de uma força simbólica que, mais do que convocar, conduz o homem ao patamar do sagrado. E não é preciso muito: bastam dois olhos e um espírito preparado. Os ícones, nas Igrejas Ortodoxas, têm grande carga sacramental, e sua imanência requer transcendência, desde sua elaboração, sempre cheia de regras de jejum e orações, até sua apreciação, que exige do fiel uma disponibilidade de espírito de que só a extrema introspecção é capaz. O olhar, então, são os pés que conduzem o espírito pela porta sagrada que os ícones lhes abrem.

Os paramentos clericais exercem, por seu turno, um especial fascínio sobre os fiéis piedosos, porque sabem que sua grande beleza e seu esplendor – por vezes radiante – têm respaldo não só num simbolismo prenhe do sagrado, mas no próprio poder que emana de Deus e que as vestes litúrgicas tornam pleno, no corpo do clérigo. Ainda que o fiel não reconheça o simbolismo específico das várias peças dos paramentos, sabe ele que se trata de poderosos significantes performativos que conferem aos celebrantes uma identidade sacra.

Os diáconos vestem, nas liturgias, o anterí (batina), o stikháron (a túnica própria, também usada pelo bispo), e o horáron (a estola²¹ atravessada), os epimaníki (punhos) e, em momentos específicos, o kalimáfki²² (o barrete próprio, diferente nas tradições litúrgicas eslava e grega). Nas cerimônias exclusivamente fúnebres (incluindo os sepultamentos), o diácono veste o anterí, o rásson (capa, sempre preta, de mangas muito largas), o horáron e o kalimáfki.

Os presbíteros revestem-se de anterí, stikháron (bem diferente do diaconal, e frequentemente de cor branca), epittrakhílion (estola presbiteral; o dos eslavos é mais curto do que o dos gregos), zóni (cíngulo ou cinto, sempre da cor da estola), emaníki, felónion

²¹ Por uma questão puramente terminológica, não se associa a estola diaconal com a presbiteral e o nome ‘estola’, na tradição ortodoxa grega é usado como o equivalente de ‘paramentos’.

²² Na tradição eslava a licença para portar o kalimáfki é uma dignidade especial; na tradição grega é facultada a todos os clérigos.

(equivalente à casula, diferentes na tradição grega e eslava) e, dependendo do grau de dignidade eclesial do presbítero, epigonátion (um losango de tecido muito engomado, pendente à altura dos joelhos) e uma cruz peitoral. O kalimáfki é opcional e só pode ser usado em momentos específicos. Nas cerimônias exclusivamente fúnebres, os sacerdotes usam anterí, rásson, epitrahílion e felónion (na tradição eslava, às vezes, usa-se também os epimaníkia).

Os bispos paramentam-se de anterí, stikháion (idêntico ao dos presbíteros), epimaníkia, epitrahílion, zóni, epigonátion, sákkos (muito parecido com o stikháion do diákono, porém, pouco mais curto), omofório (longo ou curto, dependendo da cerimônia e do lugar do prelado na cerimônia), mitra, báculo e os enkólpia (medalhões com ícones geralmente esmaltados de Jesus Cristo e de Nossa Senhora, os enkólpia variam de quantidade de acordo com a função do bispo: se bispo auxiliar ou diocesano, um; se arcebispo ou metropolitano, um enkólpion e uma cruz peitoral, e, se patriarca, dois, ladeando uma cruz peitoral). Em determinados momentos da liturgia, os bispos ostentam os dikirotríkira (dupla de castiçais de duas e de três velas, respectivamente, representando os dois principais dogmas da Igreja: a Santíssima Trindade e a dupla natureza de Cristo, e, com esses castiçais, o bispo abençoa em momentos específicos, como, por exemplo, durante o trisságion litúrgico). Os bispos entram na igreja vestidos de anterí, rásson, kalimáfki, epanokalimáfki (véu sobre o kalimáfki também usado pelos arquiemandritas e determinados monges e até monjas), bastão (uma espécie de bengala alongada que não deve ser confundida com o báculo pastoral) e mantuas (uma longa capa com quatro imagens estampadas na parte da frente, geralmente roxa, na tradição grega, e azul claro, na tradição eslava). Nas cerimônias fúnebres, os bispos se revestem de rásson, kalimáfki com epanokalimáfki, epitrahílion, omofóion, os enkólpia usuais e báculo.



Sua eminência D. Tarásios, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e toda a América do Sul (Patriarcado Ecumênico), em vestes litúrgicas, no Rio de Janeiro. Este momento é o da bênção, durante o Trisságion, em que o Bispo exerce todo o seu poder e pede a Deus que olhe e guarde o seu rebanho. Arq. próprio. Fig.3

Pelos ouvidos adentram as músicas de inspiração bizantina (muitas delas datadas realmente da época daquele Império). Trata-se de uma música tão sofisticada que se tornou um axioma o dito segundo o qual qualquer vida inteira é insuficiente para vivê-la plenamente.

A partir de uma estrutura muito simples e não muito distante da música gregoriana (oito tons, dos quais quatro são plagais), os cantos bizantinos são normalmente cantados por dois coros (situados nos dois extremos latitudinais do Templo), com um grupo que profere as palavras e outro, mais numeroso, que, conforme se diz no jargão próprio, “detém o *íson*”. O *íson* é um acompanhamento em baixo contínuo em uma ou duas vozes (mas modernamente em mais vozes), feito por um coro que pode chegar a ser numeroso. Na tradição grega, não há propriamente polifonia, embora algumas composições do século XX cheguem perto disso, e jamais há acompanhamento de qualquer instrumento musical, embora ouvidos mais desatentos ou destreinados possam confundir o *íson* com algum instrumento de tom grave. Na Liturgia Ortodoxa há uma conhecida máxima: o silêncio também é música. E, por vezes, nas longas pausas, em algum lugar do espírito dos que ali estão, ressoa a música sacra, convocando a alma para o acolhimento pleno, especialmente depois do Hino Querúbico, que marca o definitivo início da escalada mística até o momento Eucarístico, centro de toda a nossa fé.

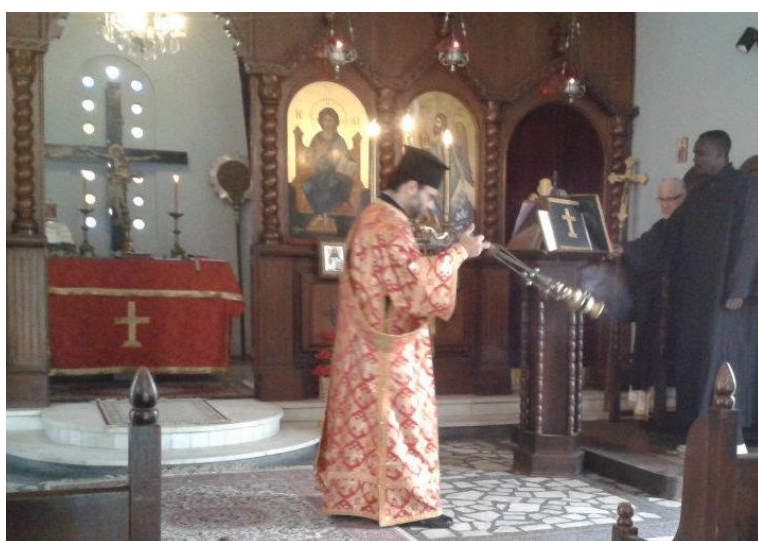
Na tradição eslava, a polifonia é usual (sempre sem instrumentos musicais) e o timbre baixo profundo é altamente valorizado, sendo interpretado como uma voz arquiangelical.

Pelo olfato nos chegam os odores provenientes dos incensos, sempre suaves e característicos, que são cuidadosamente produzidos, em meio a rituais específicos, misturando-se fragâncias específicas de acordo com as tradições em questão. Na tradição grega – sem dúvida a mais importante da ortodoxia – há incensos de deferentes odores e feitios para ocasiões determinadas. Há um tipo de incenso, por exemplo, assaz granulado e de coloração amarelada, que é específico para o Rito Fúnebre, embora não haja recomendação para esse uso, senão a tradição litúrgica propriamente dita. A incesação, por sua vez, é feita de forma firme e larga, usando-se sempre todo o cordão do turíbulo e apenas ictos (geralmente triplos, antecidos de leve *proskýnesis*²³), e sem o uso de naveta (o presidente da cerimônia abençoa o incenso já aceso). Além de falar diretamente ao olfato, o turíbulo também atinge

²³ Προσκύνησις – prostração, que pode ter três intensidades: profunda (toque do chão com os dedos e imediata persignação), moderada (curvamento do tronco, seguido de persignação) e leve (ligeiro curvamento do tronco, normalmente com a mão ao peito).

nossos ouvidos, através dos ictos compassados e sonorizados pela presença de gizos (geralmente nove) ao longo das três correias de sustentação.

Os que seguem o Rito bizantino julgam usar, nos incensos, as mesmas essências dos aromas com as quais Madalena ungira os pés do Divino Mestre, ou com as quais as mulheres portadoras de mirra trouxeram debalde para ungir o corpo do Ressuscitado, na manhã de Páscoa, de madrugada, muito cedo. São, de resto, as mesmas essências usadas na produção do Santo Myron: o Santo Óleo do Crisma, que porta e simboliza os carismas inúmeros do Divino Paráclito.



incensação do trono episcopal por um diácono, durante o canto do “*Magnificat*” (Μεγαλυνάρια) (arq. próprio, Igreja Ortodoxa Grega de Santo André – Patriarcado Ecumênico, Rio de Janeiro) fig.4.

O tato é uma experiência sensorial importante nos ritos ortodoxos. Os fiéis têm necessidade de tocar os ícones e de beijá-los, numa pura demonstração de forte afeto e de autêntica intimidade. O toque da estola do sacerdote no ministério da Penitência e a sensação tátil da Santa Colher que leva a Eucaristia são irrefutáveis apelos à comunhão com Deus. Mas um costume também presente nas tradições populares litúrgicas ocidentais é a crença que o toque nos parentos sacerdotais conferem uma bênção especial. Essa crença é evidentemente inspirada pela passagem neotestamentária: “Alguém me tocou. Senti que saiu de mim uma força” (Lc.8,46, Mc.5,30).

Finalmente, o paladar é evocado, no Rito Fúnebre, pela degustação dos κόλλυβα, plenos tanto de simbolismo quanto de bênçãos, e, nas Celebrações Eucarísticas, há o ἀντίδωρον, que é precisamente a parte do pão previamente preparado para a consagração e que, não tendo sido aproveitado para o Sacramento, foi abençoado imediatamente após a epiclese e distribuído ao povo pelo presidente da Cerimônia.



Prósphor ou prosphorá, em seu formato de acordo com a tradição grega. Apenas a parte “selada” é utilizada para fins sacramentais.

Fig. 5

Essa pletora sinestésica é um poderoso amálgama discursivo, mas, como qualquer Rito, não consegue expressar-se completamente por si. É preciso, portanto, uma catequese muito mais da *ψυχή* do que do *νοῦς*. Por essa razão, a catequese ortodoxa (sobretudo a grega e a árabe) tem sua tônica assentada sobre as Sagradas Escrituras, a Patrologia, a História da Igreja, a Liturgia e a *παράδοσις*²⁴; nesta ordem e com o mínimo de negligências.

O rito faz, assim, dos sentidos o seu canal primordial, mas pode prescindir deles, por seu caráter transcendente. É no rito que o *καιρός* se encontra com o *χρόνος*, permitindo-nos assim essa percepção holística do *αἰών*, do *aevum* latino, um entrelaçamento da sincronia com a diacronia pelo viés do místico; algo, aliás, de que só o sagrado poderia proporcionar.



Os dons preciosos na hora da Consagração: ao centro do *Diskos*, o Cordeiro; à esquerda do Cordeiro, um fragmento triangular em honra de *Theotókos*; à direita, os nove fragmentos dedicados aos Santos; abaixo do fragmento dedicado à *Theotókos*, um, menor, dedicado ao Arcebispo; abaixo dos nove fragmentos dedicados aos Santos, um pequeno, dedicado aos catecúmenos. Finalmente, abaixo de tudo, fragmentos menores, à direita, dedicados aos mortos e, à direita, dedicados aos vivos. O *Diskos* se apoia sobre o *ἀντιμήσιον* (palavra latina que significa: ‘antemesa’). O *ἀντιμήσιον* tem obrigatoriamente a assinatura do bispo responsável pela Igreja e é a autorização eclesiástica para a Liturgia canônica. Sobre o *ἀντιμήσιον*, apenas o *Diskos*, o Cálice e a Musa (esponja com a qual as partículas são colocadas no Cálice). O resto do *ἄρτος* é *ἀντίδοτον*. fig.6

²⁴ Esse termo é geralmente traduzido por ‘tradição’, mas, do ponto de vista teológico, a *parádoxis* é mais do que ‘tradição’, porquanto é um dos testemunhos da verdade. Na Igreja, a ‘*parádoxis*’ é um legado cultural de raízes divinas, razão pela qual afere veracidade e deve ser preservada como um relicário imaterial.

2. O RITO FÚNEBRE ORTODOXO

2.1. Análise teológica do texto

O rito fúnebre tem o proêmio comum de todos os ritos não sacramentais ortodoxos²⁵. Esse proêmio inicia-se por “Bendito seja o nosso Deus, em todo tempo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos” (com a respectiva bênção do incenso sobre o Evangeliário), e termina com a récita do Pai Nosso²⁶. Se a cerimônia é na Igreja, é realizada diante de uma mesinha onde são colocados os κόλλυβα, um ícone, uma vela acesa e, opcionalmente, a foto do falecido. A mesa, pode ficar, dependendo da tradição local, na frente da Grande Porta da iconostase ou diante do ícone Jesus (algumas tradições ainda colocam a mesinha diante do ícone de Theotókos²⁷ (literalmente, Deípara ou Deigenetrix), sempre à esquerda de quem olha para o altar).



A iconostase tem sempre, em qualquer tradição de inspiração bizantina, a mesma disposição de ícones: (da esq. para dir.) Ícone da Igreja (neste caso, de Santo André), Theotókos, e, do outro da Grande Porta, Jesus Cristo e São João Batista. Abaixo deles, uma versão com vidro, para ser beijada. Acima da Grande Porta, o ícone da Santa Ceia. Os demais ícones são livres, mas é comum ilustrar as portas boreal e austral, quando são de madeira, com os ícones dos Arcanjos. (Igreja de Santo André – Patriarcado Ecumênico, Rio de Janeiro, Arq. pessoal).

Fig. 7

A mesa pode ficar, dependendo da tradição local, na frente da Grande Porta da iconostase ou diante do ícone Jesus (algumas tradições ainda colocam a mesinha diante do

²⁵ I.e., comum dos ofícios: matinas, vésperas etc. As matinas são especialmente conhecidas dos fiéis ortodoxos, porque são obrigatórias como proêmio da Liturgia Eucarística.

²⁶ Na tradição grega, ao contrário da tradição eslava, o proêmio não é cantado, mas recitado em cantochão pelo leitor (preferencialmente – mas não obrigatoriamente – ministro ordinário).

²⁷ O termo Theotókos será empregado aqui, por ser um vocábulo consagrado nos estudos teológicos.

ícone de Theotókos, sempre à esquerda de quem olha para o altar, conforme se vê na figura 6).

A parte própria do Rito Fúnebre começa com a entonação do Salmo 118, 12, no primeiro tom plagal: “Bendito sois, Senhor, ensinaí-me vossos mandamentos”. Que serve de responsorial para toda a primeira parte do Rito.

A primeira estrofe inicia com o Coro de santos, que, segundo São Máximo, é uma referência ao epínicio de Ressurreição, como nos ensina Konstantinos Kaisarídis (1999:76-7): “Na nossa Igreja, o coro dos Santos é o coro dos que foram crucificados e ressuscitaram com Cristo. É a Páscoa perene”.

Imediatamente depois, a estrofe evoca três passagens bíblicas: o Livro de Susana (1,17 ou Dn. 13[Apêndice],17) onde θύραι παράδεισου denotam as portas do jardim onde Susana havia de banhar-se, mas conota o recanto edênico²⁸ que a maldade dos detratores chantagistas há de macular. Mas Susana não perdeu seu Édem para sempre. Daniel, inspirado por Deus, o restitui e abre novamente as portas do paraíso por meio de uma estratégia jurídica. O paraíso ali não é menos do que o lugar verdejante da pureza e da justiça que foi devolvido à Susana por intervenção divina. Outras passagens bíblicas a que alude a estrofe são a do “Caminho, a Verdade e Vida” (Jo. 14,6) e a do “Bom Pastor” (Jo. 10,11-21). Essa é alusão mais evidente, sem dúvida, mas uma análise mais cuidadosa do texto descobrirá que a expressão **ἀπολωλὸς πρόβατον**, **de resto, incomum**, sugere uma relação do texto com a *Homilia in divini corporis sepulturam*, atribuída a Santo Epifânio de Salamina um ardoroso apologeta do Dogma das Duas Naturezas de Cristo. Nesse seu discurso, podemos ler: “Ὀντως τῷ πρωτόπλαστον ὡς ἀπολωλὸς πρόβατον ἐπιζητῆσαι πορεύεται” (Vai assim, a procurar por quem o forjou, como se fosse uma ovelha perdida²⁹). A temática da *Homilia* é a morte de Cristo como paradigma e luz para a nossa vida e morte.

O verbo ἀπολλύω (forma da κοινή διάλεκτος neotestamentária para o grego clássico ἀπόλλυμι) está presente em ambas as passagens. Na passagem neotestamentária (Jo.10,10), encontramos o seguinte contexto: ὁ κλέπτης οὐκ ἔρχεται εἰ μὴ ἵνα κλέψῃ καὶ θύσῃ καὶ ὑπολέσῃ· ἐγὼ ἦλθον ἵνα ζωὴν ἔχωσι καὶ περισσὸν ἔχωσιν (o ladrão não vem senão para roubar, para sacrificar e para destruir (ἀπολέσῃ) [subentende-se: as ovelhas]. Eu venho para que tenham vida e que a tenham em abundância). Já na passagem de Santo Epifânio, o verbo se encontra no particípio pretérito perfeito ativo e tem um sentido moral, uma vez que o símile

²⁸ Veremos adiante a insistência no tema do Paraíso recuperado.

²⁹ Aqui, ‘perdida’ tem o sentido de “em perdição” e não o senso de “desorientada” ou coisa assim. O trecho fala da morte a partir do pecado de Adão.

da ovelha se refere a Adão e sua descendência, e a perdição é a morte pelo pecado. Na estrofe, o caminho para as portas do Paraíso é a *metánoia*, que traduzimos por ‘penitência’.

A segunda estrofe inicia com uma evidente referência ao Livro da Gênese, porém indireta. A ideia da criação *ex nihilo* não está propriamente no Livro da Gênese, como também não está, como pode parecer, na Epístola paulina aos Hebreus (11,3). Neste último texto, a ideia de criação *ex nihilo* é uma interpretação da sentença πίστει νοοῦμεν κατηρτίσθαι τοὺς αἰῶνας ῥήματι Θεοῦ, εἰς τὸ μὴ ἐκ φαινομένων τὸ βλέπόμενον γεγονέναι (pela fé compreendemos que os séculos foram dispostos pela palavra de Deus, para do invisível³⁰ viesse o visível).

A ideia da criação *ex nihilo*, está, contudo, presente em alguns textos patrísticos. No século IV, encontramos essa ideia em Santo Agostinho: "A Deo mundus factus est ex nihilo" (O mundo foi feito por Deus ex nihilo). Ou ainda: "si de aliqua informi materia factus est mundus, haec ipsa facta est omnino de nihilo" (se o mundo foi feito a partir de alguma matéria informe, esta, por sua vez, foi inteiramente feita a partir do nada [de nihilo])³¹.

A assertiva agostiniana parece reagir contra a postura parmenidiana do epicurista Lucrécio, que assim se posiciona: *Principium cuius hinc nobis exordia sumet, / nullam rem e nihilo gigni divinitus umquam* (O princípio que tomaremos como base / é o de que nada pode ser criado a partir do nada por intermédio de um poder divino)³².

Assim como Santo Agostinho, alguns séculos mais tarde, São João Damasceno constituiu-se um dos teólogos mais contundentes na defesa da criação *ex nihilo*: «ἐκ μὴ ὄντων τὰ πάντα παραγαγὼν ὁ Δημιουργός, κατ' εἰκόνα καὶ ὁμοίωσιν αὐτοῦ πλάσας τὸν ἄνθρωπον καὶ τοῦτον τῷ αὐτεξουσίῳ τιμήσας, τῶν ἐν παραδείσῳ καλῶν μετέχειν πεποίηκεν, ἀπέχεσθαι τούτου μόνου κελεύσας ὅπερ ἦν τὸ ξύλον τῆς γνώσεως» (o Demiurgo (em grego, “Criador”) criou todas as coisas a partir do que não existe, tendo forjado o homem à sua imagem e semelhança e honrando-o com o seu próprio poder, permitiu-lhe partilhar das belezas que

³⁰ Há aqui um antigo problema de exegese acerca da natureza semântica da palavra φαινόμενα, que, de fato é associada originalmente á ideia de “estar aparente”, donde a tradução jeronimense *inuisibilia*. Mas os vocábulos usados são de raízes diferentes: φαινόμενα e βλέπόμενον. O que nos convida a uma longa reflexão que não caberia aqui. Pensamos ser suficiente lembrar que φαινόμενα é aquilo que se faz ver, que se expõe. Ou seja, é um verbo específico relacionado a uma atividade geradora de passividade (ser visto).

³¹ *De vera religione*, XVIII, 35-6. Esse trecho será glosado por S.Boaventura (Commentaria in Quatuor Libros Sententiarum Commentaries on the Four Books of Sentences *Magistri Petri Lombardi*, II, 1,1,2)

³² *De rerum natura*, I, 149-150.

havia no Paraíso, tendo ordenado que se abstenha somente daquilo que era a árvore do conhecimento)³³.

Mavroska sugere que a preposição ἐκ na expressão ἐκ μὴ ὄντων tem o sentido de “fora de” e não de “a partir de”. Assim, para Mavroska, a leitura mais adequada da passagem patrística é que a criação ocorreu fora da inexistência:

The theology does not refer to creation as being created from nothing. *Nihil ex nihilo* fit does not mean that nothing comes from nothing, but out of the non-existing (ἐκ τοῦ μὴ ὄντος). That term (ἐκ τοῦ μὴ ὄντος) is used in order to be stressed the connection of the existing and the non-existing, the created and the un-created, the substance and the energies. That notion indicates the fact that the created reality has not been brought into existence having the same substance with God, but through the uncreated energy of God. (MAVROSKA, 2009, p.18)³⁴

O que nos parece ainda mais estranho nessa argumentação de Mavroska é a tentativa de respaldo dessa tese nos textos litúrgicos atribuído a São Basílio, o Grande, e a São João Crisóstomo:

The creation out of the non-existing is also found in the Orthodox liturgical texts, such as on the 30th January, the feast of the st. Basil, st. Gregory the theologian and st. John Chrysostom, Matin, Theotokion of 3rd Ode, "Ὁ πάντα ἐκ μὴ ὄντων ὄντα ποιήσας, καὶ φύσιν δούς ἐκάστῳ τῶν γενομένων", ("He who brought all things from non-being into being and gave each of them its nature..."). (*idem, ibidem*)³⁵

O texto do Rito Fúnebre contém a expressão: ἐκ μὴ ὄντων πλάσας με, onde ‘πλάσας’, particípio aoristo (masc.,sing., nom.) de πλάσσω (moldar, modelar, forjar), pressupõe uma matéria pré-existente. Mas essa pressuposição não se aplica a esse contexto, porquanto o milagre da Criação pode consistir precisamente no ‘forjar sem matéria’, como se poderia fazer um espada sem metal, por exemplo. O milagre da Criação, por sua vez, é único

³³ MATSIOYKAS, 1998, pp. 464-5.

³⁴ A teologia não se refere à criação como sendo criada do nada. *Nihil ex nihilo* não significa que nada vem do nada, mas, sim da não-existência (ἐκ τοῦ μὴ ὄντος). Este termo é usado para estreitar a conexão entre o existente e o não-existente, do criado e do incriado, as substâncias e as energias. Esta noção indica o fato de que o criado realmente não foi trazido à existência tendo a mesma substância que Deus, mas através da incriada energia de Deus. (MAVROSKA, 2009, p.18)

³⁵ A criação vinda do não-existente é também encontrada nos textos litúrgicos ortodoxos, como em 30 de janeiro, na festa de São Basílio, São Gregório o teólogo e João Crisóstomo, matinas, e Theotokion da 3ª Ode, "Ὁ πάντα ἐκ μὴ ὄντων ὄντα ποιήσας, καὶ φύσιν δούς ἐκάστῳ τῶν γενομένων", ("Ele que trouxe todas as coisas do nada à existência e deu a cada um sua própria natureza...") (*idem, ibidem*)

e originário, e jamais repetido. Os demais milagres são de cura, multiplicação, transmutação ou transfiguração.

A terceira estrofe evoca uma questão que redundava em problema de tradução. A palavra εἰκών, que aparece na estrofe anterior, foi ali traduzida por ‘imagem’, a fim de evidenciar a referência bíblica: ποιήσωμεν ἄνθρωπον κατ’εἰκόνα ἡμετέραν καὶ καθ’ὁμοίωσιν (Gen.1,26: façamos o homem conforme a nossa imagem e semelhança).

Esta estrofe, no entanto, parece estabelecer uma relação entre homem, enquanto imagem de Deus, e os Santos Ícones³⁶. Pode-se imaginar aproximadamente os efeitos mentais para um ortodoxo (ou, mais amplamente, para um cristão de rito oriental em geral) causados por uma assertiva ritualística como “εἰκών ἐμὴ” (“eu sou imagem” ou “eu sou ícone”, em grego). Considerar o homem um ícone, aliás, não é uma postura comum, mas absolutamente correta e evidentemente perfeita para a ocasião. Isso dá ao homem uma aura de santidade potencial que é imediatamente contemporizada pelo adendo: εἰ καὶ στίγματα φέρω πταισμάτων (ainda que carregue os estigmas dos defeitos, das falhas).

A estrofe recupera e ratifica duas ideias: a da Criação como um πλάσμα, uma modelação, uma forjadura, e a do retorno ao Paraíso por ação da Misericórdia divina. O retorno ao Paraíso, aliás, é a ideia central também da quarta estrofe. Nota-se a insistência na imagem do Paraíso e sua importância para o Rito Fúnebre. Nesta estrofe, usa-se a expressão πολίτης τοῦ Παραδείσου (cidadão do Paraíso) de forma assaz recorrente, tanto na linguagem popular, desde Bizâncio³⁷ quanto nos cantos litúrgicos, como, por exemplo, a Sexta Ode das Matinas para o ofício dos Santos Mártires: Ὁ ἔνδοξος ὠριστεύσας Ἡράκλειος ἤρατο μέγα κλέος, Παραδείσου πολίτης γενόμενος, καὶ σεπταῖς χορείαις, ἐνωθεὶς Ἀθλητῶν συναγάζεται (o glorioso Heráclio, vitorioso, alcançou grande glória, e, tendo se tornado um cidadão do Paraíso rejubila-se com honoráveis danças por estar entre os Mártires)³⁸.

A quarta estrofe introduz, ainda, o tema da luz: χοροὶ τῶν Ἀγίων καὶ οἱ δίκαιοι ἐκλάμπουσιν ὡς φωστῆρες (os coros dos Santos e os justos brilharão como astros³⁹). Esse tema é recuperado em outros momentos do Rito, a começar pela estrofe seguinte, a quinta, em que o verbo φωτίζω tem lugar axial. Trata-se aliás de uma estrofe de referências muito

³⁶ Καὶ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν ἄνθρωπον κατ' εἰκόνα Θεοῦ ἐποίησεν αὐτόν, (Gen, 1,27): E Deus criou o homem segundo a imagem de Deus o criou.

³⁷ Hoje, em grego, é um corrente eufemismo para o “morrer”: tornar-se um πολίτης Παραδείσου (cidadão do Paraíso, em grego).

³⁸ O léxico e a sintaxe – acentuadamente clássicos e rebuscados – sugerem que o texto, embora de história obscura, date da chamada “Era de Ouro” da Patrística Grega. Corrobora a tese o uso da palavra χορεία (dança) e do vocábulo ἀθλητής com o sentido de ‘martir’. Santo Heráclio é do século III, e morreu sob o Imperador Décio.

³⁹ Mais precisamente: ‘como astros encandescentes’.

intestinas do mundo ortodoxo, porquanto faz referência ao fogo que não queima, o φωτισμός (a iluminação divina) de Jerusalém, na Semana Santa⁴⁰.



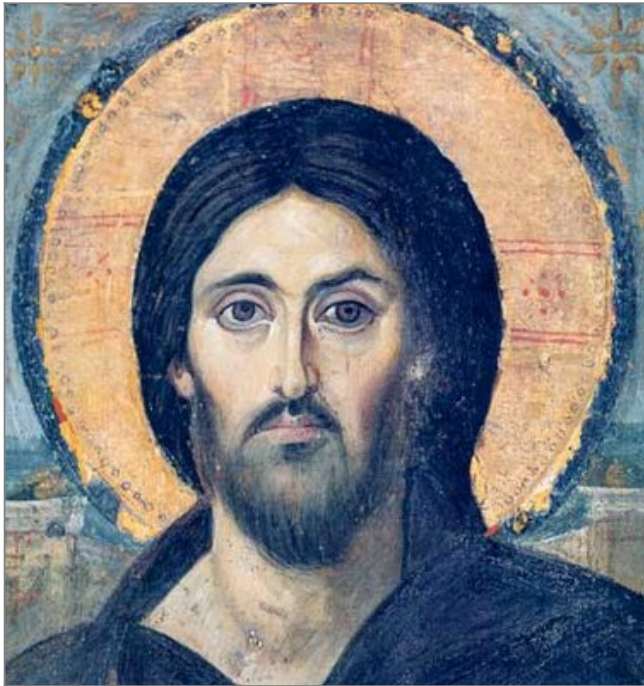
O Fogo Sagrado, que se acende anual e espontaneamente perante orações do Patriarca de Jerusalém. A chama não queima e sua luminosidade é maior. As pessoas, diante dela, prostram-se reverentes à Ressurreição de Nosso Senhor. Fig.8

O Fogo Santo é distribuído pelo maior número de igrejas ortodoxas, e, em todas elas, o padre distribui o Fogo Santo (representado por fogo comum, nas igrejas em que o próprio não chega) aos paroquianos, cantando: *Δεῦτε λάβετε φ' ἡς ἵκ τοῦ ἵνεσπέρου φωτός, καὶ δοξάσατε Χριστόν, τὸν ὠαστάντα ἐκ νεκρῶν* (Vinde! Recebei luz que vem da luz para a qual não há noite! E glorificai Cristo, o Ressuscitado dos mortos!)

A quinta estrofe começa com o adjetivo *τριλαμπές*, um termo cunhado por São Gregório de Nazianzo como didática catequética acerca da Santíssima Trindade, indicando que algo que brilha por três fontes (como a chama única de três velas). Ao φωτισμός opõe-se o πῦρ, que queima eternamente, o αἰώνιον πῦρ. De um lado, o fogo que não queima ao qual adoramos, a própria Luz divina, o Ἅγιος Φωτισμός, e, do outro, o fogo que queima eternamente do qual pedimos que Deus nos livre, como os dois lados da face do Santo Ícone de Jesus Cristo do Mosteiro de Santa Catarina (Monte Sinai).

A figura de Παναγία θεοτόκος (Santíssima Mãe de Deus) é introduzida neste Rito pela sexta estrofe, que começa com a primeira palavra da saudação arquiangelical: *χαῖρε* (Salve!). O núcleo desta estrofe é a relação entre Nossa Senhora e a salvação de todos. A palavra *σωτηρία* (salvação) é repetida duas vezes na mesma frase: *Theotókos deu à luz o Nosso Senhor para viabilizar a salvação de todos; então, por meio dela (δι' ἧς), os homens encontraram a salvação*. Tal assertiva apresenta, portanto, inequivocamente Nossa Senhora como corredentora.

⁴⁰ O Patriarca de Jerusalém, a cada ano, entra no Santo Sepulcro sozinho, e acendem-se milagrosamente as velas que ele leva às mãos. As chamas não queimam, mesmo se as passamos demoradamente pelo rosto. Só depois de longos minutos o Fogo Santo se esquenta. Só luz, sem calor. Há registros oficiais de que esse milagre aconteça desde o século IV, embora documentos outros registrem-no desde o século II.



Ícone de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo Pantocrátor do Monte Sinai (meados do séc. VI). Observa-se ao lado direito, a feição convidativa da face do Salvador, e, ao lado esquerdo, os traços que ameaçam o mal e que intimidam o pecado. (fig.9)

A estrofe contém ainda mais uma referência ao Paraíso, sem dúvida, a imagem mais evocada no Rito Fúnebre. Essa evocação do Paraíso, agora intimamente ligado à pureza de Maria, tem, na estrofe seguinte, a sétima, sua primeira descrição, neste Rito: Um lugar onde não há πόνος (dor), λύπη (tristeza) e στεναγμός (lamentos). É preciso, pois entender essa primeira descrição, para poder, inclusive uni-la à outra, ao fim do Rito.

Πόνος é um termo que designa o tipo de sofrimento oriundo do esforço puro, que não enxerga seu fim. Trata-se de algo para o qual Hannah Arendt⁴¹ sugere a terminologia abrangente de atividade que caracteriza o *homo laborans*, em oposição ao *homo faber*, caracterizado pelo ἔργον, o trabalho que conhece e reconhece o seu lugar no mundo⁴². O ἔργον integra a condição humana da mesma forma que o πόνος a nega. Na perspectiva religiosa, Deus pode transformar todo πόνος em ἔργον, e talvez essa seja uma das razões pela qual o termo é característico da escrita de São João Evangelista, o Teólogo.

Platão (*Filebo*, 31c) opõe λύπη à ἡδονή: Ἐν τῷ κοινῷ μοι γένοι ἅμα φαίνεσθον λύπη τε καὶ ἡδονή γίγνεσθαι κατὰ φύσιν. (fala de Sócrates: Em minha estirpe comum, a λύπη e a ἡδονή (prazer) parecem ocorrer simultaneamente). Assim, temos uma

⁴¹ARENDT, 2007 [1933], *passim*.

⁴²Sobre este tema especificamente há o importante trabalho de Mary C. N. Lafer, publicado como posfácio de sua tradução do poema *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo (1990).

indicação de que λύπη é algo contrário (talvez o oposto) ao prazer ou à sensação agradável, expressão quicá mais adequada para a tradução de ἡδονή. Já em Xenofonte (Helênica, 7,1,32) λύπη é apresentada em oposição à χαρά (alegria): οὕτω κοινόν τι ἄρα χαρᾷ καὶ λύπῃ δάκρυά ἐστιν (As lágrimas são algo comum tanto para a χαρά quanto para a λύπη). A partir do que se pode depreender que λύπη se opõe também à χαρά. O Paraíso parece ser, portanto, segundo o Rito Fúnebre, um lugar agradável e alegre, uma vez que se define também pela ausência da λύπη.

A estrofe seguinte inicia o momento mais solene do Rito. Essa parte é comum tanto ao Rito Fúnebre completo quanto ao Trissághion (Três vezes Santo). O tom muda para o quarto (não plagal). O discurso, por sua vez, torna-se “semi-performativo”⁴³. Normalmente, na tradição dos ritos orientais, é por essa estrofe que os leigos reconhecem o Rito Fúnebre.

Aqui é introduzido o vocábulo τετελειωμένοι (plural do particípio pretérito perfeito do verbo τελειῶ, que traduzimos por “os que se cumpriram”). A ideia do verbo τελειῶ, de fato, indica completude: o τετελειωμένος é o aquele se completou, que cumpriu. A expressão, contudo, está na Epístola de São Paulo aos Hebreus (12,22-3), em trecho que vale a pena transcrever:

Μωϋσῆς εἶπεν, Ἐκφοβός εἰμι καὶ ἔντρομος. ἀλλὰ προσεληλύθατε Σιών ὅρει καὶ πόλει Θεοῦ ζῶντος, Ἰερουσαλὴμ ἐπουρανίῳ, καὶ μυριάσιν ἀγγέλων, πανηγύρει καὶ ἐκκλησίᾳ πρωτοτόκων ἀπογεγραμμένων ἐν οὐρανοῖς, καὶ κριτῇ θεῷ πάντων, καὶ πνεύμασι δικαίων τετελειωμένων, διαθήκης νέας μεσίτῃ Ἰησοῦ, καὶ αἵματι || ῥαντισμοῦ κρεῖττον λαλοῦντι παρὰ τὸν Ἀβελ.

Moisés disse: estou temeroso (Dt.9,19) e trêmulo. Mas viestes ao monte Sião e à cidade de Deus vivo, a celestial Jerusalém e às miríades de anjos, à assembleia dos prógonos que estão inscritos dos céus e a Deus, juiz de todos e aos espíritos dos justos consumados (πνεύματα δικαίων τετελειωμένων), e a Jesus, mediador da Nova Aliança, e ao Sangue de aspersão mais contundente do que o de Abel.

Πνεύματα δικαίων τετελειωμένων, portanto, são os πολῖται Παραδείσου. Mas a expressão, conquanto respaldada na epistolografia paulina, oferece um desafio hermenêutico: uma indicação de fatalismo, de uma μοῖρα ao estilo pagão, uma vez que não compromete a responsabilidade humana. Essa fresta especulativa, no entanto, se enfraquece diante de uma leitura muito mais plausível semanticamente do verbo τελειῶ do que aquela que sugere apenas o ‘cumprimento’, a ‘finalização’ (geralmente de uma tarefa ou coisa

⁴³ “Semi-performativo”, porquanto só poderia ser completamente performativo se fosse sacramental.

assim). O verbo τελειῶ tem o sentido de ‘ser perfeito’, ‘estar completo o pleno’, enfim: o sentido de ‘estar em plenitude’.

Tal leitura extravasa os limites da especulação e ganha consistência, quando é encontramos abundantemente o adjetivo τέλειος por toda a patrística (já desde os Padres Apostólicos) com o evidente sentido de ‘pleno’ ou até mesmo de ‘perfeito’.

Outro termo relevante nesta estrofe é o adjetivo μακάριος (bem-aventurado), que faz referência às Bem-Aventuranças, onde o vocábulo ganhou seu sentido teológico específico que o fez ser entendido como ‘feliz pela Graça’. Para ele, a Bíblia de São Jerônimo encontrou o equivalente *beatus*.

A estrofe seguinte faz uma referência ao episódio aludido na Epístola de São Paulo aos Efésios (4,8-10): Ἀναβὰς εἰς ὕψος ἠχμαλώτευσεν αἰχμαλωσίαν, ἔδωκεν δόματα τοῖς ἀνθρώποις. [τὸ δὲ Ἀνέβη τί ἐστὶν εἰ μὴ ὅτι καὶ κατέβη εἰς τὰ κατώτερα [μέρη] τῆς γῆς; ὁ καταβάς αὐτός ἐστιν καὶ ὁ ἀναβάς ὑπεράνω πάντων τῶν οὐρανῶν, ἵνα πληρώσῃ τὰ πάντα.] (Tendo subido às alturas, aprisionou o aprisionamento, deu dons aos homens. Dizer ‘subiu’ o que é senão dizer que desceu aos lugares mais abaixo da terra? O mesmo que desceu (ὁ καταβάς) é também o que subiu acima de todos os céus, para plenificar tudo).

Há certamente uma grande resistência para dogmatizar essa passagem, porque pesa sobre parte dela (a que está entre colchetes) certa suspeita, por parte da crítica textual, de interpolação. Contudo, vícios metodológicos gravíssimos comprometem a intervenção desfavorável desse tipo de abordagem filológica em texto canônico, uma vez que lhe interessa mais a autenticidade autoral do que a inspiração ratificada pelos Santos Padres e pela παράδοσις (tradição).

Esta estrofe propõe ainda um contraste entre os termos πεπεδημένος (participio pretérito perfeito passivo de πεδῶ, ‘deter, impedir’) e δοῦλος (τοῦ Θεοῦ) (servo de Deus). A servidão a Deus é contraposta à detenção, à obstaculização ao cativo.

A oração “ὁ Θεὸς τῶν πνευμάτων” (Deus dos espíritos) introduz a parte final do Rito, com uma evidente referência à Redenção e à Ressurreição, com uma citação do Hino Pascal que todos os cristãos de rito bizantino tão bem conhecem:

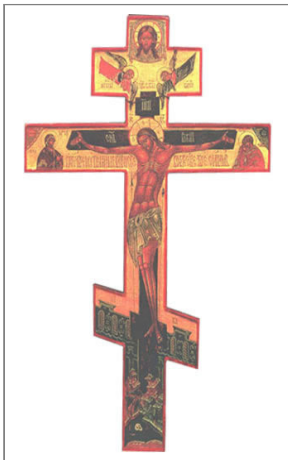
Χριστὸς ἀνέστη ἐκ νεκρῶν
θανάτῳ θάνατον πατήσας
καὶ τοῖς ἐν τοῖς μνήμασι
ζωὴν χαρισάμενος

Cristo ressuscitou dos mortos
tendo subjugado, com a morte, a morte
e, aos que estavam nos túmulos,
tendo dado vida.

No rito, encontramos: “Ο Θεὸς τῶν πνευμάτων καὶ πάσης σαρκός, ὁ τὸν θάνατον καταπατήσας, τὸν δὲ διάβολον καταργήσας, καὶ ζωὴν τῷ κόσμῳ σου δωρησάμενος” (Deus dos espíritos e de toda a carne, que subjugou a morte, anulou o Diabo e deu vida ao vosso mundo). A estrutura é inquestionavelmente perifrástica em relação ao Hino Pascal e alguns termos chegam mesmo a repeti-lo, como “ὁ τὸν θάνατον καταπατήσας” (que subjugastes a morte).

O verbo πατῶ, do qual καταπατῶ deriva por prefixação, significa literalmente ‘pisar, apor os pés’. De fato, Orígenes legou-nos a informação segundo a qual Γολγοθᾶ, nome que os Evangelhos dão ao monte em que Jesus foi crucificado (τόπος τοῦ Κρανίου, “lugar da Caveira”, na tradução dada pelo próprio texto neotestamentário). O padecimento e a morte de Jesus lava, com seu Sangue vertido, os pecados de Adão e de sua descendência.

A Santa Cruz é representada nas tradições orientais (mormente nas *ex motu graeco*) com a caveira de Adão sob os pés de Jesus. E frequentemente o apoio dos pés é representado de forma oblíqua, com o lado esquerdo (de quem vê) apontando para cima, indicando o caminho a ser percorrido pelo ladrão arrependido, e o lado direito, para baixo, indicando o Hades futuro do outro crucificado.



Uma das representações mais comuns da Cruz na Igreja Ortodoxa. Ressalva-se, contudo, que esta não é a única representação da Santa Cruz; nela, porém, notam-se todas as características: o Sudário, os Anjos, São João, Nossa Senhora, o crânio de Adão, as inscrições etc. Fig. 10

Qualquer fiel minimamente educado no rito bizantino reconhecerá na expressão «τὸν θάνατον πατήσας» a referência ao Hino Pascal, e isso será suficiente para dar início à preparação de uma atmosfera de esperança. O restante dessa oração retoma e sintetiza, um por um, todos os pontos do Rito Fúnebre, e prepara a próxima oração cujo tema é especificamente a Ressurreição e a esperança.

Um dos pontos retomados é o da descrição do Paraíso, com detalhes precisos que fecham o circuito da Redenção, identificando-o irrefutavelmente com o Éden: τόπος φωτεινός (Gn2,4: ἡ ἡμέρα ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν), τόπος χλοερός (Gn.2,5: ἐποίησεν ὁ Θεὸς ... πᾶν χλωρὸν ἄγροῦ), τόπος ἀναψύξεως (Gn2,5: ἔβρεξεν ὁ Θεὸς ἐπὶ τῆς

γῆς), ἔνθα ἀπέδρα ὀδύνη, λύπη καὶ στεναγμός (lugar iluminado, lugar verdejante, lugar de refrescância, onde não exista dor, tristeza e lamentos).

A breve oração cita o Evangelho de São João (11,25) e lembra que Cristo é a própria Ressurreição, a vida e o repouso das almas, mas é no trecho seguinte a esse que vemos o tema da Ressurreição tomar lugar destacado no texto do Rito, quando se ouve praticamente o Hino Pascal seguido de uma “ladainha” típica de encerramento litúrgico, com a diferença, é claro, do pedido de interseção pela alma do falecido:

Ὁ ἀναστὰς ἐκ νεκρῶν καὶ θανάτῳ θάνατον πατήσας καὶ τοῖς ἐν τοῖς μνήμασι, ζωὴν χαρισάμενος Χριστὸς ὁ ἀληθινὸς Θεὸς ἡμῶν, ταῖς πρεσβείαις τῆς παναχράντου καὶ παναμώμου ἁγίας αὐτοῦ μητρός τῶν ἁγίων, ἐνδόξων καὶ πανευφήμεων Ἀποστόλων, τῶν ὁσίων καὶ θεοφόρων Πατέρων ἡμῶν, τῶν ἁγίων ἐνδόξων προπατόρων Ἀβραάμ, Ἰσαάκ καὶ Ἰακώβ, τοῦ ἁγίου καὶ δικαίου φίλου αὐτοῦ Λαζάρου τοῦ τετραήμερου καὶ πάντων τῶν Ἀγίων, τὴν ψυχὴν τοῦ ἐξ ἡμῶν μεταστάντος δούλου αὐτοῦ [.....] ἐν σκηναῖς δικαίων τάξαι, ἐν κόλποις Ἀβραάμ ἀναπαύσαι, καὶ μετὰ ἁγίων συναριθμήσαι, ἡμᾶς δὲ ἐλεῆσαι ὡς ἀγαθὸς καὶ φιλόανθρωπος

O que ressuscitaste dos mortos, subjugando a morte com a morte e dando vida aos que estavam nos túmulos, Cristo, nosso Deus verdadeiro, pelas intercessões de Tua Puríssima e Imaculada Santa Mãe, dos Santos, gloriosos e benditos Apóstolos, dos nossos veneráveis teóforos santos padres, de Abrão, Isaac e Jacó, do teu Santo amigo Lázaro, que se ergueu ao quarto dia, e de todos os Santos, concede à alma de teu servo falecido [n.] perfilar-se nas moradas dos justos, descasar no seio de Abraão, ser contado juntos aos Santos, e perdoa-nos, pois és bem e filântropo.

Como a Ressurreição (e a vida no Paraíso, ou a volta a ele) são o tema central do Rito Fúnebre, inventariamos as passagens bíblicas em que a ressurreição aparece claramente, mas nem sempre da mesma forma.

Em Cristo, ressurgiremos para a vida eterna com um corpo «espiritual», transformado diferente daqueles que reviveram com o corpo mortal e depois morreram, por que a Redenção não tinha ainda sido completada e o Cristo ainda não havia ressuscitado, não era ainda uma ressurreição para a vida eterna. Mas quando ressuscitarmos, no final dos tempos, teremos o mesmo corpo, porém glorioso, como o de Cristo, que, após a ressurreição, comia, bebia, conversava, mas atravessou as paredes do cenáculo.

São Paulo (1 Cor.15,20) parece ter deixado clara essa diferença: aqueles que ressurgirão após Jesus, primícia dos ressuscitados, ressurgirão para a vida eterna (a Liturgia Ortodoxa é radicalmente ressurrecional).

A Liturgia Pascal destaca-se pela profundidade dos textos de seu ritual, todos eles fundamentados nas sagradas escrituras e na fé e poesia patrísticas. A Liturgia Pascal, aliás, nada mais é do que ampliação da Liturgia comum, ela própria sempre Pascal.

Eis, pois, as passagens bíblicas que tratam da ressurreição:

- Elias ressuscitou o filho da mulher de Sarepta (1 Reis 17,17-24)
- Eliseu ressuscitou o filho da mulher Sunamita (2 Reis 4,18-37)
- Um homem morto ressuscitou após o corpo dele tocar nos ossos de Elias (2 Reis 13,21)
- Jesus ressuscitou o filho da viúva de Naim (Lc. 7,11-15)
- Jesus ressuscitou a filha de Jairo (Lc. 8,41; 42, 49-55)
- Jesus ressuscitou Lázaro (Jo. 11,1-44)
- Jesus ressuscitou (Mt. 28,5-8; Mc. 16,6; Lc. 24,5, 6)
- Pedro ressuscitou Dorcas (At. 9,36-41)
- Paulo ressuscitou Êutico (At. 20,9-10)
- Ressurreição de muitos santos por ocasião da morte de Jesus (Mt. 27,52-53)
- Ressurreição da Filha de Jairo por Jesus (Mc. 5,22-43)
- Ressurreição de Lázaro por Jesus (Jo.11,1-43)

Outras passagens do AT falam claramente da ressurreição:

- Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente. (Daniel 12,1-3)
- Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos.(Is.26,19)
- Elias ressuscitou o filho da viúva de Sarepta (1 Reis 17,17-24)
- Eliseu ressuscita o filho da Sunamita (2 Reis 4,18-37)

- Eliseu resuscita a um moabita sobre as ossadas (2 Reis 13:21) após o corpo dele tocar nos ossos de Elias (2 Reis 13,21)

No final das exéquias, antes de se fechar o ataúde, o cantor sacro, o psaltis fazendo as vezes do falecido, convoca todos a dar-lhe o último beijo, último adeus, e é interessante o lamento: “Vinde todos dar-me o último beijo, pois ontem estávamos juntos”.

E no peito dele um ícone sagrado , geralmente o do Cristo ou da Panaghía(a Santíssima Mãe de Deus), o beijo é dado então no ícone .

Se o celebrante for o confessor do morto lhe dará também última absolvição.
O confessor daquele falecido fará especiais súplicas pelo perdão de seus pecados.

2.2. Epitáfios e Thrênos (Lamentos) de Cristo e de Maria

Embora a Semana Santa comece no Domingo de Ramos, ela tem um preâmbulo valioso: o Sábado de Lázaro. Na Liturgia são lembrados todos os textos bíblicos que encerram o episódio. E, assim, a ressurreição de Lázaro para o mundo anuncia e prenuncia a Ressurreição do mundo⁴⁴. Marta, em seu desabafo, atribui a morte de seu irmão Lázaro à ausência de Jesus : “Senhor se estivesse lá , meu irmão não teria morrido”. Um discurso que irmana a presença de Cristo à própria vida. Estar sem Cristo Deus é a concretude apavorante da morte iminente. Numa espécie de segundo velório de Lázaro, ou visita póstuma, quatro dias após a sua morte, Cristo lhe devolveu a vida. Sem Cristo presente, Lázaro não teria sido ressuscitado.

No tropário da Liturgia do sábado de Lázaro , a igreja ortodoxa canta:

Querendo, antes da tua Paixão,
Fundamentar a nossa fé na ressurreição geral,
ressuscitaste Lázaro dentre os mortos;
por isso, ó Cristo Deus, nós também,
como os filhos de outrora ,
portamos os símbolos da vitória, clamando:
Ó vencedor da morte, hosana nas alturas!
Bendito Aquele, que vem em nome do Senhor!

⁴⁴Um dos cantos do Sábado de Lázaro lembra seu caráter precursor: «Ressuscitando Lázaro,/Cristo confirmou a verdade/da Ressurreição Universal»

De fato, Marta , anuncia a Jesus , que Lázaro havia morrido nos seguintes termos: «Se Tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido». Jesus anuncia: «Teu irmão ressuscitará», e corre em direção ao túmulo – a Vida em direção ao que não vivia mais. Jesus não anunciara uma Ressurreição distante, no final dos tempos (como supôs Marta), mas a Ressurreição que é Ele próprio: «Eu sou a Ressurreição e a Vida».

Toda a liturgia do sábado de Lázaro relata a sua morte, a deposição no túmulo e a ressurreição. Suas ataduras em faixas funerárias parecem se identificar com o estado de pecado. Significantes físicos de um mal espiritual. Diante de Deus, todos somos pecadores, atados às fraquezas e o Rito Funebre diz textualmente: «Não há ser humano nenhum, que não peque. Tu, Senhor, és o único sem pecado (Σὺ μόνος ἐκτὸς ἁμαρτίας ὑπάρχεις).

Não é uma Semana fácil para os Cristãos Ortodoxos. É uma Semana, aliás, repleta de dor, reflexão, contrição, jejum, orações e tristezas. No auge desse momento de rigorosa introspecção mística, temos o sepultamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, na Sexta Feira Santa, quando se canta os Enkómia ou os Thrênoi, os cantos de lamentação.

Depois de uma longa cerimônia de Vésperas, entoam-se os Thrênoi e, ao final, enquanto o coro e povo repetem determinadas estrofes desses Enkómia (hinos de lamentação ou louvor), o Epitáfio de Cristo sai em procissão.

O Epitáfio litúrgico é um pedaço de tecido riquissimamente bordado, retratando o Corpo morto de Jesus Cristo. Durante todo o ano, o epitáfio fica afixado na parede do templo, mas, na Sexta-Feira Santa, ele é colocado sobre um suporte específico, muitíssimo adornado de flores e ervas de bom odor.



Na foto, o sacerdote asperge mirra sobre o Epitáfio, cantando “As portadoras de mirra, vindo de madrugada, aspergiram Mirra sobre o Túmulo” (um dos versos dos Enkómia) fig.11

Os Enkómia são cantados em tom muito solene, com a mesma melodia para todas as tradições litúrgicas bizantinas (com variações inexpressivas). Sua linguagem é rebuscada e altamente elaborada, mas não rebuscada, com marca de dialetos gregos antigos.

No entanto, os fiéis compreendem as palavras, o sentido geral dos versos e mais do que isso: sentem toda a gravidade do momento.

Depois da cerimônia de Vésperas do Sepultamento de Nosso Senhor, o povo faz fila, para passar debaixo do Epitáfio, como uma bênção especial de longa duração, e comumente leva para si uma flor que adorna o Senhor morto. Uma atmosfera muito especial e solene envolve a Igreja nesse dia.

Uma peculiaridade da Ortodoxia (também conservada pelos Melquitas), é a celebração anual, do Rito dos Funerais da Mãe de Deus.

Em Jerusalém, a Santa Sião, a Mãe das igrejas cristãs, mais precisamente na Basílica da Dormição de Nossa Senhora, a celebração dos Funerais de Theotókos é de uma beleza triunfal, dá-se em clima de luz, resplendor. A Assunção de Nossa Senhora, um elemento importantíssimo e extra-bíblico da fé ortodoxa, tem largo respaldo na tradição patrística, mas é em São João Damasceno (*Sermão sobre a Dormição da Santíssima Theotókos*) que encontra sua mais clara descrição:

Vinde, enfileiremo-nos em torno ao túmulo imaculado para dali sorvermos a Divina Graça. Vinde, abracemos em espírito o corpo virginal. Entremos no sepulcro e morramos nele, rejeitando as paixões da carne, vivendo uma vida sem concupiscência e sem mácula. Escutemos os hinos divinos, cantados imaterialmente pelos anjos. Entremos para adorar, aprendamos a conhecer o mistério inaudito: como esse corpo foi elevado às alturas, arrebatado ao céu, como a Virgem foi posta junto de seu Filho acima dos coros angélicos, de sorte que nada se interpusesse entre Mãe e Filho.

Na piedade e teologia ortodoxa a morte, é cognominada «dormição», pois, com base na Sagrada Escritura, há a crença de que o sono é a melhor ideia que traduz a realidade da morte. Mesmo ao se referir à morte de Lázaro, Jesus usou a expressão «nosso amigo Lázaro adormeceu»(Jo.11,11). A relação entre morte e sono ultrapassa muito os limites do eufemismo, pois diz respeito à provisoriedade. O termo que designa a ideia de 'sono', na língua grega é κοίμησις, que, de resto, originou a palavra cemitério (κοιμητήριον), um dormitório, um lugar onde os corpos das almas dos que morreram em Cristo esperam ser acordados, despertados para a Ressurreição final, quando Cristo voltar em sua segunda parusia, ao som das trombetas, nas nuvens, conforme escreve São Paulo em sua Primeira Epístola aos Tessalonicenses (4,16-18⁴⁵) :

⁴⁵v. também: Mt.24,27

αὐτὸς ὁ Κύριος ἐν κελεύσματι, ἐν φωνῇ ἀρχαγγέλου καὶ ἐν σάλπιγγι Θεοῦ καταβήσεται ἀπ' οὐρανοῦ, καὶ οἱ νεκροὶ ἐν Χριστῷ ἀναστήσονται πρῶτον, ἔπειτα ἡμεῖς οἱ ζῶντες οἱ περιλειπόμενοι ἅμα σὺν αὐτοῖς ἀρπαγησόμεθα ἐν νεφέλαις εἰς ἀπάντησιν τοῦ Κυρίου εἰς ἅερα, καὶ οὕτω πάντοτε σὺν Κυρίῳ ἐσόμεθα.

Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro. Depois nós, os vivos, os que estamos ainda na terra, seremos arrebatados juntamente com eles sobre nuvens ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras. (versão ed. Ave Maria)

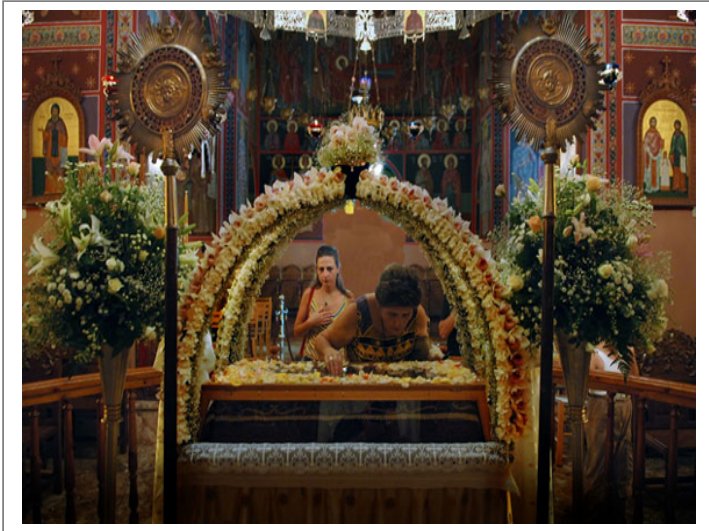
Toda a crença acerca da Dormição de Theotókos é relatada principalmente na iconografia, onde, nos ícones da Santa Dormição da Virgem, a encontramos depois de terminados os dias de sua jornada terrena, adormecida no Senhor. E em todos os ícones, desde os mais antigos aos mais recentes, ela se encontra em uma câmara mortuária, ladeada de todos os santos apóstolos, que miraculosamente vieram de todos os rincões da terra, para o seu velório, em Jerusalem, exceto , Thomé, que, chegara com atraso, e adentrando o lugar onde haviam depositado seu Santo Corpo, encontrou o Túmulo vazio, com aromas celestiais como a um incenso perfumado. daí toda uma mística em torno da sua Metástasis (translado⁴⁶), do estádio terreno da Beatíssima Virgem Maria, a Theotokos, aos céus. O episódio de São Thomé oferece ensejo a um interessante paralelo entre a Ressurreição de Cristo e a Dormição da Virgem.

Nos ícones da Dormição da Virgem, encontra-se o seu Filho Redentor de pé ao seu lado, cercado de anjos com um bebê nas suas mãos. Esse bebê representa iconograficamente a alma de Maria, que se eterniza nas mãos do seu Filho e Salvador, depois de transportada ao paraíso. Jesus devolve a sua Mãe a juventude eterna. É a apoteose⁴⁷ de Theotókos, a participação na ressurreição de Cristo.

No dia 15 de agosto , conforme o calendário gregoriano , ou no dia 28 de agosto, conforme o calendário juliano, celebram-se os funerais da Virgem .

⁴⁶Trata-se de um preciosismo muito pertinente: enquanto se fala de uma ἀνάστασις (ressurreição) para Jesus, fala-se de uma μετάστασις (transferência, mudança de lugar) para Maria. A ênfase ortodoxa de culto é na Dormição, enquanto que, no Ocidente, a tônica recai sobre a Assunção.

⁴⁷O termo 'apoteose', na teologia oriental significa 'o ato de revestir-se de Deus'.



Uma fiel beija o Epitáfio de Theotókos ao fim do Ofício da Dormição. Fig.12

O Ofício que celebra a Dormição de Nossa Senhora é muito parecido com o da Sexta-Feira Santa, quando celebramos as Exéquias do Cristo, primícia dos ressuscitados .

Essa piedade religiosa ligada à Dormição da Virgem, podemos encontrá-la, em diferentes tradições do oriente cristão : Coptas , etíopes , siríacos etc.

A festa litúrgica da Dormição da Virgem, no dia 15 de agosto, é grandiosa, e se situa entre as quatro maiores festas dedicadas à Mãe de Deus, chamadas Theometorikai heortai (Θεομητορικαὶ ἑορταί, festas da Mãe de Deus). É também a última festa do ano litúrgico bizantino, que se inicia no dia primeiro de setembro.

Essa festividade é precedida de um jejum de 15 dias, a começar de 1º de agosto, à guisa do jejum pascal, e, na Grécia, este jejum é chamado carinhosamente pelos ortodoxos, de “A Páscoa do verão”, pois a Páscoa de Cristo, sempre ocorre na primavera do Hemisfério Norte.

Os ortodoxos nunca celebram a Páscoa do Cristo, o Domingo de Páscoa, nem junto nem antes da Páscoa dos judeus. E isto tem também base no evangelho, uma vez que os Evangelhos Sinóticos referem-se assim à súplica que José de Arimatéia dirige a Pilatos pelo corpo de Jesus:

Era o dia da preparação, isto é véspera de sábado. Ao cair da tarde. Ao cair da tarde, José de Arimatéia (...) foi ousadamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos se maravilhou de que já estivesse morto. Chamando o centurião, perguntou-lhe se havia muito que tinha morrido. Tendo-se certificado pelo centurião que assim sucedera, deu o corpo a José.

Mc. 15,42⁴⁸

⁴⁸v. Mt.28,57 e Jo.19,31.

Antes da celebração da Dormição de Nossa Senhora, quinze dias antes, na chamada quaresma que precede à sua Páscoa-morte-adormecimento, a igreja celebra-lhe um ofício chamado de Paráclisis [Παράκλησις] ou 'Ofício de Súplicas à Virgem'. É tão significativa esta festa do dia 15, que ela se prolonga até uma semana depois, mais precisamente até o dia 23. Pois o que aconteceu com Maria é consequência do que aconteceu e se realizou em Cristo, primícia dos ressuscitados, e assim também acontecerá a cada um de nós. O ofício é realizado também pela cura das almas e corpos , e em situações de perigos e aflição, como em calamidades públicas.

3. CONCLUSÃO

O Rito Fúnebre Ortodoxo, aqui apresentado muito sumariamente, enseja, a partir da dolorosa experiência do afastamento físico, uma forma não sacramental, mas ainda assim repleta de misticismo, de celebrar a Páscoa do Senhor.

O Rito é celebrado em vários momentos a partir da morte terrena, e o abrandamento da dor da separação é constrangido pela fé a dar vazão à esperança da proximidade com o Criador.

A abundância de elementos simbólicos e a riqueza dos gestos, das formas e sobretudo das palavras – sempre autorizada teologicamente pelos referenciais canônicos – dão ao Rito uma rara abrangência. De fato, aqueles que dele participam, havendo envolvimento – mínimo que seja – com aquela fé e aquela tradição, são levados para perto do falecido pelos caminhos inspirados da fé, da estética, da ética, da autoridade e mesmo do discernimento.

Todo o Rito é um canal de aproximação da esfera para a qual já partiu aquele cuja memória se celebra.

Desta forma, deixamos por último o que, no Rito também vem ao final: a celebração da memória.

A memória é projeção de uma imagem. Nenhum ser vivente, exceto o Theântropos (Deus-Homem) Jesus, pôde escolher sua memória. A memória é parte de alguém que sempre temos conosco, seja a pessoa viva ou morta. É uma exclusividade dos vivos, que não podem contemplar o todo e tem de contentar-se com o que depreende a memória.

Ao fim do Rito Fúnebre, pedimos apenas que não percamos, por fraqueza deplorável, o pouco que temos de quem morreu, a imagem que sua existência produziu em nossas mentes e nossos corações, ainda que essa imagem seja irrisória fração de uma alma complexa, é por essa pequena parte que podemos ter um pouco daquele com quem conviveremos em tão breve.

De tal forma, a partir do crivo analítico da memória podemos pensar o momento do rito fúnebre como uma ação pastoral que visa a chamar a atenção para a vida, isto é, aos que participam do ritual, portanto, aos vivos, fica um questionamento existencial: “Como inscrevo a minha memória no mundo e que jus faço a essa cerimônia? Como posso merecer a certeza da Ressurreição da Vida Eterna junto ao Criador?”

A convivência com a finitude e sua percepção é um dos apelos mais eloquentes ao Absoluto, e o rito que aqui se analisou aponta um caminho para uma conciliação com a

dimensão transcendente da vida a partir da efemeridade do imanente e por meio do aparato legado pela tradição e oriundo da inspiração.

O rio fúnebre aqui analisado, todo ele, é dedicado ao estabelecimento de relações entre a vida terrena e a eterna, através de símbolos, gestos e sensações que se referem necessariamente a essas duas dimensões imprescindíveis da vida humana. Com pilares fincados em cada uma delas, o rito fúnebre rejeita a ideia de ausência. Aqui, memória, celebração, símbolo, louvor e toda a beleza digna da majestade divina; adiante, a presença plena.

4. BIBLIOGRAFIA

- ARENDT, Hannah. A Condição humana. São Paulo: Forense, 2007 [1933]
- DURKHEIM, Émile. Cours sur les origines de la vie religieuse. Une édition électronique réalisée à partir d'un texte d'Émile Durkheim (1907), «*Cours sur les origines de la vie religieuse*. » Extrait de la Revue de philosophie, 1907, vol 7, n° 5 (pp. 528 à 539), vol. 7, n° 7 (pp. 92 à 114) et vol. 7, n° 12 (pp. 620 à 638). Reproduit in Émile Durkheim, Textes. 2. Religion, morale, anomie, pp. 65 à 122. Paris: Éditions de Minuit, 1975. [Les classiques des sciences sociales].
- ELIADE, Mircea, O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1957]
- ΚΑΡΑΪΣΑΡΙΔΗΣ, Κωνσταντίνος. Ἐμπειρίες λειτουργικῆς ζωῆς. Ἀθήνα: ἐκδ. Ἀκρίτας, 1999.
- LAFER, Mary C.N. *Hesíodo. Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Iluminuras, 1990
- ΜΑΤΣΟΥΚΑΣ, Νικόλαος. *Δαμασκηνοῦ Ἐκδοσις ακριβῆς τῆς ὀρθοδόξου πίστεως*, Κείμενο, μετάφραση, εισαγωγή σχόλια. Θεσσαλονίκη Π. Πουρναριών, 1998.
- MAVROSKA, VASILIKI V. Adam and Eve in the Western and Byzantine art of the Middle Age. Tese de Doutorado. Universidade de Frankfurt Johann Wolfgang Goethe, 2009.
- MERCENIER, E. *La prière des Églises de rite byzantin*. Paris and G. Bainbridge: Chevetogne, 1947-53. 3 vols.
- ΜΙΚΡΟΝ Εὐχολόγιον ἢ Ἀγιασματάριον. Ἀθῆναι: Ἀποστολικὴ Διακονία, 1992.
- MOORE, Sally & MYERHOFF, Barbara. *Secular Ritual*, Assen/Amsterdam: Ed. Van Gorcum, 1977.
- SAID, Edward W. Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978].
- TERRIN, A. N. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.
- obs: Todos os textos gregos (bíblicos e patrísticos) foram retirados do Thesaurus Linguae Graecae (TLG)

3. APÊNDICE

Rito Fúnebre na Ortodoxia

O rito fúnebre na Igreja Ortodoxa não é um culto aos mortos, mas ao Deus vivo, Ressuscitado. Um culto de agradecimento a Deus pelo dom da vida e pedido também ao ser supremo pela vida, agora em âmbito eterno, de um de seus filhos, para que este seja levado à morada eterna do Pai.

Como ensina o Catecismo Católico:

A Igreja que, como mãe, trouxe sacramentalmente no seu seio o cristão durante a sua peregrinação terrena, acompanha-o no termo da sua caminhada para entregá-lo «nas mãos do Pai». E oferece ao Pai, em Cristo, o filho da sua graça, e depõe na terra, na esperança, o gérmen do corpo que há-de ressuscitar na glória. (II,1683)

Divisão do Rito Fúnebre na Igreja Ortodoxa

1º) Orações iniciais

2º) Hinos Elegíacos ou Sibilinos

(Evloghitária / Metá Pneumáton)

3º) Epístola

4º) Evangelho

5º) Homilia

6º) Preces – Conclusão

Rito Fúnebre

texto e tradução

ΙΕΡΕΥΣ (Sacerdote) - Εὐλογητὸς ὁ Θεὸς ἡμῶν, πάντοτε, νῦν, καὶ ἀεὶ, καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. (Bendito seja o Nosso Deus, em todo tempo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos)

ΑΝΑΓΝΩΣΤΗΣ (leitor) - Ἀμήν. Ἅγιος ὁ Θεός, Ἅγιος ἰσχυρός, Ἅγιος Ἀθάνατος, ἐλέησον ἡμᾶς. (3X) - Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal, tende piedade de nós.

Δόξα Πατρὶ καὶ Υἱῷ καὶ Ἁγίῳ Πνεύματι, καὶ νῦν καὶ ἀεὶ καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. Ἀμήν. (Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora, sempre e pelos séculos dos séculos⁴⁹)

Παναγία Τριάς, ἐλέησον ἡμᾶς. Κύριε, ἱλάσθητι ταῖς ἁμαρτίαις ἡμῶν. Δέσποτα, συγχώρησον τὰς ἀνομίας ἡμῶν. Ἅγιε, ἐπίσκεψαι καὶ ἴασαι τὰς ἀσθενείας ἡμῶν, ἕνεκεν τοῦ ὀνόματός σου. (Santíssima Trindade, tende piedade de nós. Senhor, redimi os nossos pecados. Senhor, perdoai-nos as transgressões. Santo, vide e curai as nossas fraquezas, [tudo isso] por causa de vosso nome⁵⁰).

Κύριε, ἐλέησον. Κύριε, ἐλέησον, Κύριε, ἐλέησον. (Κύριε ἐλέison, 3X)

Δόξα Πατρὶ καὶ Υἱῷ καὶ Ἁγίῳ Πνεύματι, καὶ νῦν καὶ ἀεὶ καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. Ἀμήν. (Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora, sempre e pelos séculos dos séculos)

Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς, ἁγιασθήτω τὸ ὄνομά σου, ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου, γενηθήτω τὸ θέλημά σου, ὡς ἐν οὐρανῷ, καὶ ἐπὶ τῆς γῆς. Τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον, καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφίμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν, καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν, ἀλλὰ ρῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ. (Pai nosso...)

ΙΕΡΕΥΣ

Ὅτι σοῦ ἐστὶν ἡ βασιλεία καὶ ἡ δύναμις καὶ ἡ δόξα, τοῦ Πατρὸς, καὶ τοῦ Υἱοῦ, καὶ τοῦ

⁴⁹ Observe-se que, no rito bizantino, não se diz “*sicut erat in principio*”.

⁵⁰ Por um literarismo exagerado, a maioria das igrejas ortodoxas atribui a Deus o tratamento equivocado de “tu”. O atual vigário geral do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla no Brasil defende essa postura, por considerá-la já uma marca identitária da Liturgia Bizantina em língua portuguesa, mesmo sabendo que ela transgride a norma culta de nosso vernáculo. As partes que se seguem de nossa tradução vão pelo caminho dessa recomendação pastoral, e estão em acordo com o texto atualmente em uso.

Ἁγίου Πνεύματος, νῦν καὶ ἀεὶ, καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. (Porque vosso é o Reino...)

Εὐλογητὸς εἶ, Κύριε, δίδασκόν με τὰ δικαιώματά σου.

Τῶν Ἁγίων ὁ χορός, εὔρε πηγὴν τῆς ζωῆς καὶ θύραν Παραδείσου, εὔρω καὶ γώ, τὴν ὁδὸν διὰ τῆς μετανοίας, τὸ ἀπολωλὸς πρόβατον ἐγὼ εἰμι· ἀνακάλεσαί με, Σωτήρ, καὶ σῶσόν με.

Εὐλογητὸς εἶ, Κύριε, δίδασκόν με τὰ δικαιώματά σου.

Ὁ πάλαι μέν, ἐκ μὴ ὄντων πλάσας με, καὶ εἰκόνι σου θεῖα τιμήσας, παραβάσει ἐντολῆς δὲ πάλιν με ἐπιστρέψας εἰς γῆν ἐξ ἧς ἐλήφθην, εἰς τὸ καθ' ὁμοίωσιν ἐπανάγαγε, τὸ ἀρχαῖον κάλλος ἀναμορφώσασθαι.

Εὐλογητὸς εἶ, Κύριε, δίδασκόν με τὰ δικαιώματά σου.

Εἰκὼν εἰμι, τῆς ἀρρήτου δόξης σου, εἰ καὶ στίγματα φέρω πταισμάτων, οἰκτείρησον τὸ σὸν πλάσμα, Δέσποτα, καὶ καθάρισον σὴ εὐσπλαγχνία, καὶ τὴν ποθεινὴν πατρίδα παράσχου μοι, Παραδείσου πάλιν ποιῶν πολίτην με.

Εὐλογητὸς εἶ, Κύριε, δίδασκόν με τὰ δικαιώματά σου.

Ἀνάπαυσον, ὁ Θεὸς τὸν (-ὴν) δοῦλόν (-ην) σου, καὶ κατάταξον αὐτόν (αὐτήν) ἐν Παραδείσῳ, ὅπου χοροὶ τῶν Ἁγίων, Κύριε, καὶ οἱ δίκαιοι ἐκλάμπουσιν ὡς

Bendito és Tu, ó Senhor, ensina-me teus mandamentos

O Coro dos santos encontrou a fonte da vida e a porta do Paraíso. Quem me dera, eu também, achar, pela penitência, este caminho. Sou a ovelha desgarrada: Ó Salvador, chama-me e salva-me.

Bendito és Tu, ó Senhor, ensina-me teus mandamentos

Tu, que, ancestralmente, a partir do que não existe, me forjaste, e com a tua divina imagem me honraste, e, quando transgredi teu mandamento, me devolveste à terra da qual fui arrancado, faze-me voltar à tua semelhança, para que seja renovada em mim a antiga beleza.

Bendito és Tu, ó Senhor, ensina-me teus mandamentos

Ícone sou eu, da tua inefável glória, apesar de levar os estigmas dos defeitos; tem piedade de tua obra, Senhor e purifica-me pela tua misericórdia: concede-me a pátria querida, fazendo-me novamente cidadão do Paraíso.

Bendito és Tu, ó Senhor, ensina-me teus mandamentos

Ó Senhor, dá repouso a alma de teu (tua) servo (a) e conduze-o(a) ao Paraíso, onde os coros dos santos e justos resplandecem como os astros. Senhor dá repouso a alma

φωστῆρες, τὸν (-ήν) κεκοιμημένον (-ην)
δοῦλόν (-ην) σου ἀνάπαυσον, παρορῶν
αὐτοῦ (-ῆς) πάντα τὰ ἐγκλήματα.

Δόξα Πατρὶ καὶ Υἱῷ καὶ Ἁγίῳ Πνεύματι.

Τὸ τριλαμπὲς τῆς μιᾶς Θεότητος, εὐσεβῶς
ὕμνήσωμεν βοῶντες· Ἅγιος εἶ, ὁ Πατὴρ ὁ
ἄναρχος, ὁ συνάναρχος Υἱὸς καὶ θεῖον
Πνεῦμα· φώτισον ἡμᾶς πίστει σοι
λατρεύοντας, καὶ τοῦ αἰωνίου πυρὸς
ἐξάρπασον.

Καὶ νῦν καὶ ἀεὶ, καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν
αἰώνων. Ἀμήν.

Χαῖρε σεμνή, ἡ Θεὸν σαρκὶ τεκοῦσα, εἰς
πάντων σωτηρίαν, δι' ἧς γένος τῶν
ἀνθρώπων εὔρατο τὴν σωτηρίαν, διὰ σοῦ
εὔροιμεν Παράδεισον, Θεοτόκε, ἀγνή
εὐλογημένη.

Ἀλληλούϊα, ἀλληλούϊα, ἀλληλούϊα.

Δόξα σοι ὁ Θεός. [3]

Μετὰ τῶν Ἁγίων ἀνάπαυσον, Χριστέ, τὴν
ψυχὴν τοῦ δούλου (τῆς δούλης) σου, ἔνθα
οὐκ ἔστι πόνος, οὐ λύπη, οὐ στεναγμός,
ἀλλὰ ζωὴ ἀτελεύτητος.

ΙΕΡΕΥΣ - Μετὰ πνευμάτων δικαίων
τετελειωμένων, τὴν ψυχὴν τοῦ δούλου
σου, Σῶτερ, ἀνάπαυσον, φυλάττων αὐτὴν
εἰς τὴν μακαρίαν ζωὴν, τὴν παρά σοι,
φιλόανθρωπε.

ΧΟΡΟΣ - Εἰς τὴν κατάπαυσίν σου,
Κύριε, ὅπου πάντες οἱ Ἅγιοί σου
ἀναπαύονται, ἀνάπαυσον καὶ τὴν ψυχὴν

de teu (tua) servo (a) adormecido (a) e
perdoa-lhe todos os seus pecados.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito
Santo.

A Luminosa Trindade de divindade única
devotamente louvemos, clamando: Santo és
tu, ὁ Pai soberano e o teu Filho co-
soberano e o Divino Espírito. Ilumina-nos,
a nós que te adoramos com fé e livra-nos
do fogo eterno.

Agora e sempre e pelos séculos dos
séculos. Amém

Ave, ὁ puríssima, que geraste, na carne,
Deus, para a salvação de todos e por quem
a estirpe dos homens encontrou a salvação.
Possamos achar o Paraíso por teu
intermédio, ὁ pura e bendita Theotókos.

Aleluia, Aleluia, Aleluia.

Glória a Ti, ὁ Deus (3x)

Junto com os santos, repousa, ὁ Cristo a
alma de teu (a) servo (a) onde não há
sofrimento, nem dor, nem tristeza, nem
lamentação, mas vida infinita.

Sacerdote: Salvador, faze repousar junto
dos justos espíritos dos que já se
cumpriram a alma de teu servo;
protegendo-a na vida bem-aventurada,
junto de ti, ὁ filântropo.

Coro: Em teu refrigerio, Senhor, onde os
seus santos repousam, faze repousar a alma
de teu servo, por que somente Tu és imortal

τοῦ δούλου σου, ὅτι μόνος ὑπάρχεις
ἀθάνατος.

ΙΕΡΕΥΣ - Δόξα Πατρί, καὶ Υἱῷ, καὶ Ἁγίῳ
Πνεύματι.

Σὺ εἶ ὁ Θεὸς ἡμῶν, ὁ καταβὰς εἰς Ἄδην,
καὶ τὰς ὁδύνας λύσας τῶν πεπεδημένων,
αὐτὸς καὶ τὴν ψυχὴν τοῦ δούλου σου,
Σῶτερ, ἀνάπαυσον.

Καὶ νῦν καὶ ἀεὶ, καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν
αἰώνων. Ἀμήν.

Ἡ μόνη ἄγνη καὶ ἄχραντος Παρθένος, ἡ
Θεὸν ἀφράστως κηήσασα, πρέσβευε ὑπὲρ
τοῦ σωθῆναι τὴν ψυχὴν τοῦ δούλου σου.

ΙΕΡΕΥΣ - Ἐλέησον ἡμᾶς ὁ Θεός, κατὰ τὸ
μέγα ἔλεός σου, δεόμεθά σου, ἐπάκουσον
καὶ ἐλέησον.

ΧΟΡΟΣ: Κύριε ἐλέησον.

Ὅπως Κύριος ὁ Θεὸς τάξῃ τὴν ψυχὴν
αὐτοῦ ἔνθα οἱ Δίκαιοι ἀναπαύονται, τὰ
ἐλέη τοῦ Θεοῦ, τὴν βασιλείαν τῶν
οὐρανῶν, καὶ ἄφεσιν τῶν αὐτοῦ
ἁμαρτιῶν, παρὰ Χριστῷ τῷ ἀθανάτῳ
Βασιλεῖ καὶ Θεῷ ἡμῶν αἰτησώμεθα.

ΧΟΡΟΣ: Παράσχου Κύριε.

ΙΕΡΕΥΣ - Ἔτι δεόμεθα ὑπὲρ ἀναπαύσεως
τῆς ψυχῆς τοῦ κεκοιμημένου δούλου τοῦ
Θεοῦ [.....] καὶ ὑπὲρ τοῦ συγχωρηθῆναι
αὐτοῦ πᾶν πλημμέλημα ἐκούσιόν τε καὶ
ἀκούσιον.

ΧΟΡΟΣ: Κύριε ἐλέησον.

ΙΕΡΕΥΣ: Τοῦ Κυρίου δεηθῶμεν.

ΧΟΡΟΣ: Κύριε ἐλέησον.

ΙΕΡΕΥΣ - Ὁ Θεὸς τῶν πνευμάτων καὶ

Sacerdote: Glória ao Pai e ao Filho e ao
Espírito Santo.

Tu és o Deus nosso, que desceste ao Hades,
e livraste os cativos das dores, tu, ὁ
Salvador, dá repouso à alma de teu servo.

Agora e sempre e pelos séculos dos
séculos. Amém

A única pura e imaculada Virgem, que
ilibadamente gerou Deus interceda pela
salvação da alma de teu servo.

Sacerdote: Tem piedade de nós, ὁ Deus,
segundo a tua grande misericórdia, nós te
imploramos ouve-nos e tem piedade.

Coro: Kýrie eléison

Que o Senhor Deus disponha a sua alma
onde os justos descansam; a misericórdia
de Deus; o reino dos céus; a remissão de
seus pecados; a Cristo imortal, Rei e Deus,
peçamos.

Coro: Atenda-nos, Senhor

Sacerdote: Roguemos ainda, pelo descanso
da alma do adormecido servo de Deus (n.),
que se lhe perdoe toda falta, voluntária ou
involuntária.

Coro: Kýre, Eléison

Sac: Roguemos ao Senhor.

Coro: Senhor tem piedade

Sacerdote: Deus dos espíritos e de toda a

πάσης σαρκός, ὁ τὸν θάνατον καταπατήσας, τὸν δὲ διάβολον καταργήσας, καὶ ζῶν τῷ κόσμῳ σου δωρησάμενος, αὐτός, Κύριε, ἀνάπαυσον τὴν ψυχὴν τοῦ κεκοιμημένου δούλου σου [...], ἐν τόπῳ φωτεινῷ, ἐν τόπῳ χλοερῷ, ἐν τόπῳ ἀναψύξεως, ἔνθα ἀπέδρα ὁδὺνη, λύπη καὶ στεναγμός. Πᾶν ἀμάρτημα τὸ παρ' αὐτοῦ πραχθὲν ἐν λόγῳ ἢ ἔργῳ ἢ διανοίᾳ, ὡς ἀγαθὸς καὶ φιλόανθρωπος Θεός, συγχώρησον· ὅτι οὐκ ἔστιν ἄνθρωπος, ὃς ζήσεται καὶ οὐχ ἁμαρτήσῃ· σὺ γὰρ μόνος ἐκτὸς ἁμαρτίας ὑπάρχεις, ἡ δικαιοσύνη σου δικαιοσύνη εἰς τὸν αἰῶνα, καὶ ὁ νόμος σου ἀλήθεια.

Ὅτι σὺ εἶ ἡ ἀνάστασις, ἡ ζωὴ, καὶ ἡ ἀνάπαυσις τοῦ κεκοιμημένου δούλου σου [...], Χριστέ ὁ Θεός ἡμῶν, καὶ σοὶ τὴν δόξαν ἀναπέμπομεν, σὺν τῷ ἀνάρχῳ σου Πατρί, καὶ τῷ παναγίῳ καὶ ἀγαθῷ καὶ ζωοποιῷ σου Πνεύματι, νῦν καὶ ἀεὶ καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

ΧΟΡΟΣ: Αμήν.

Δόξα σοι ὁ Θεός ἡμῶν, δόξα σοι.

Ὁ καὶ νεκρῶν καὶ ζώντων τὴν ἐξουσίαν ἔχων, ὡς ἀθάνατος Βασιλεύς, καὶ ἀναστάς ἐκ νεκρῶν Χριστὸς ὁ ἀληθινὸς Θεός ἡμῶν, ταῖς πρεσβείαις τῆς παναχράντου καὶ παναμόμου ἁγίας αὐτοῦ μητρός, τῶν ἁγίων, ἐνδόξων καὶ πανευφήμων Ἀποστόλων, τῶν ὁσίων καὶ θεοφόρων Πατέρων ἡμῶν, τῶν ἁγίων ἐνδόξων

carne, Tu, que subjugaste a morte, debelaste o demônio e que doaste a vida ao mundo que é teu, concede, ó Senhor, o descanso à alma do adormecido servo teu (n.), num lugar luminoso, num lugar verdejante, num lugar refrescante, onde não exista dor, nem tristeza, nem lamentação. Perdoa-lhe, ó Deus, bom e misericordioso, todo o pecado que tenha cometido em palavra, obra ou pensamento. Porque não há ser humano nenhum que viva e não peque. Tu, na verdade, és o único sem pecado, a tua justiça é a Justiça eterna e a tua lei é a Verdade.

Sacerdote: Por que tu és a ressurreição a vida e o descanso do adormecido servo teu (n.), ó Cristo, nosso Deus, e a ti rendemos glória, com o teu soberano Pai, e o teu bom e vivificante Espírito; agora e sempre e pelos séculos dos séculos.

Coro: Amém.

Glória a ti, ó Deus nosso, glória a ti.

Ó Cristo, ressuscitado dos mortos, nosso verdadeiro Deus, que, como Rei imortal, tens o poder sobre os vivos e os mortos, pelas intercessões da tua puríssima Santa Mãe, dos excelsos e aclamados Apóstolos, de nossos santos e teóforos padres, dos santos gloriosos avoengos Abraão, Isaac e Jacó, de seu santo e justo amigo Lázaro,

προπατόρων Ἀβραάμ, Ἰσαάκ καὶ Ἰακώβ, τοῦ ἁγίου καὶ δικαίου φίλου αὐτοῦ Λαζάρου τοῦ τετραήμερου καὶ πάντων τῶν Ἁγίων, τὴν ψυχὴν τοῦ ἐξ ἡμῶν μεταστάντος δούλου αὐτοῦ [.....] ἐν σκηναῖς δικαίων τάξαι, ἐν κόλποις Ἀβραάμ ἀναπαύσαι, καὶ μετὰ ἁγίων συναριθμήσαι, ἡμᾶς δὲ ἐλεῆσαι ὡς ἀγαθός καὶ φιλόανθρωπος.	que se ergueu ao quarto dia, e de todos os santos, põe a alma de teu adormecido servo (n.) nos tabernáculos eternos, recreia-a no seio dos justos, e tem piedade de nós, porque Tu és bondoso e misericordioso.
---	--

ΙΕΡΕΥΣ - Αἰωνία σου ἡ μνήμη, ἀξιομακάριστε καὶ ἀείμνηστε ἀδελφεοὶ ἡμῶν. (3X)	Sacerdote: Seja a tua memória eterna Bem-aventurado e inesquecível irmão nosso. (3X)
---	---

Επίστολα : 1 Tes. 4: 13-18 Ευαγγέλιο : Jo 5:24-30

Δόξα σοι ὁ Θεός ἡμῶν, δόξα σοι. (Glória a Ti, Deus nosso, Glória a Ti)

Ὁ ἀναστὰς ἐκ νεκρῶν καὶ θανάτῳ θάνατον πατήσας, καὶ τοῖς ἐν τοῖς μνήμασι, ζωὴν χαρισάμενος. Χριστὸς ὁ ἀληθινὸς Θεὸς ἡμῶν, ταῖς πρεσβείαις τῆς παναχράντου καὶ παναμόμου ἁγίας αὐτοῦ μητρός, τῶν ἁγίων, ἐνδόξων καὶ πανευφήμων Ἀποστόλων, τῶν ὁσίων καὶ θεοφόρων Πατέρων ἡμῶν, τῶν ἁγίων ἐνδόξων προπατόρων Ἀβραάμ, Ἰσαάκ καὶ Ἰακώβ, τοῦ ἁγίου καὶ δικαίου φίλου αὐτοῦ Λαζάρου τοῦ τετραήμερου καὶ πάντων τῶν Ἁγίων, τὴν ψυχὴν τοῦ ἐξ ἡμῶν μεταστάντος δούλου αὐτοῦ [.....] ἐν σκηναῖς δικαίων τάξαι, ἐν κόλποις Ἀβραάμ ἀναπαύσαι, καὶ μετὰ ἁγίων συναριθμήσαι, ἡμᾶς δὲ ἐλεῆσαι ὡς ἀγαθός καὶ φιλόανθρωπος.

O que ressuscitaste dos mortos, subjugando a morte com a morte e dando vida aos que estavam nos túmulos, Cristo, nosso Deus verdadeiro, pelas intercessões de Tua Puríssima e Imaculada Santa Mãe, dos Santos, gloriosos e benditos Apóstolos, dos nossos veneráveis teóforos avoedos Abrão, Isaac e Jacó, do teu Santo amigo Lázaro, que se ergueu ao quarto dia, e de todos os Santos, concede à alma de teu servo falecido [n.] perfilar-se nas moradas

dos justos, descasar no seio de Abraão, ser contado juntos aos Santos, e perdoa-nos, pois és bem e filântropo.

Αἰωνία σου ἡ μνήμη, ἀξιομακάριστε καὶ ἀείμνηστε ἀδελφέ ἡμῶν. (3 vezes)⁵¹

Perpétua seja a tua memória, bem-aventurado e sempre memorável irmão nosso. (3 vezes)

⁵¹ Reproduzimos , na integra o ritual fúnebre , na língua grega litúrgica , uma vez que no rito bizantino , esta língua corresponde ao latim , no rito ocidental , embora haja rituais em línguas árabe, eslava , romena ...mas todas elas se basearam e traduziram , na integra o Eucológio Grego (Livro de Orações).

FICHA CATALOGRÁFICA

LIMA, Geraldo Santos. **Rito fúnebre na ortodoxia e a crença na ressurreição.**
FSB/RJ,

45 pág.

Monografia apresentada à Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB/RJ) para obtenção do Certificado de Especialização em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*.

Orientador: Prof. Dr. Robson Medeiros Alves

Palavras-chave: ortodoxia, rito, funeral, ressurreição